

ALEAGUARA



# João Cabral de Melo Neto

## Morte e vida severina



E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia

João Cabral de Melo Neto  
Morte e vida severina  
e outros poemas

ALFAGUARA  


## Arte de ver e de dizer

A obra de João Cabral de Melo Neto tem um perfil intensamente pessoal, pela sua sintaxe, pela sua temática e pelo olhar que lança sobre a natureza e o mundo dos homens. Seu modo de ver e seu modo de dizer se incorporaram à nossa literatura, criando uma situação paradoxal em que as lições de Cabral são necessárias e enriquecedoras, mas sua voz poética é tão marcante que muitas vezes impede o poeta principiante de encontrar sua própria voz. É difícil assimilar a sintaxe cabralina, mas mais difícil ainda é transcendê-la.

Os livros incluídos neste volume datam da década de 1950, o período crucial em que Cabral consolidou a linguagem que viria a refinar nos anos seguintes. Nos livros que compõem este volume, e mais em *Quaderna* (que tem poemas do período 1956-59), surgiu o Cabral que hoje é reconhecível a qualquer leitor. Sendo provavelmente o mais visual dos poetas brasileiros, ele começou a criar nestes livros uma “arte de ver” que é só sua, e que de imediato o destacou de seus contemporâneos. Sua amizade duradoura com artistas plásticos e arquitetos era conseqüência dessa sua procura de novas maneiras de organizar a experiência sensorial, fugindo à discursividade, ao prosaísmo banal e à frouxidão estilística que ele via como grandes males da poesia de seu tempo.

*O rio* (1953) e *Morte e vida severina* (1954-55) são a segunda e a terceira parte de uma trilogia iniciada com *O cão sem plumas* (1949-1950), que provavelmente nunca foi premeditada nesses termos pelo autor, mas que pode ser vista em retrospecto como a tentativa de fazer passar por três filtros verbais sucessivos a mesma realidade espessa e rebelde: o rio Capibaribe, que se arrasta na direção do mar, com a vagarosidade dos bandos de retirantes que fogem à seca do sertão e do agreste, descendo rumo ao litoral. Em *O cão sem plumas* o poeta reconstrói o rio e o ambiente que o cerca, até a chegada ao mar, pelos filtros de sucessivas metáforas e símiles que se entrecruzam: cão, espada, bandeira, maçã... Em *O rio*, o tratamento é mais documental, geográfico (consta que o poema foi escrito com o auxílio da mapoteca do Itamaraty), repleto dos sonoros topônimos pernambucanos. Aqui, é o rio que conta a si próprio na primeira pessoa, e o poeta é visto pelo rio que cruza o Recife, num distanciado vislumbre da memória:

(...)

*há na curva mais lenta  
do caminho pela Jaqueira,  
onde (não mais está)  
um menino bastante guenzo  
de tarde olhava o rio  
como se filme de cinema;  
via-me, rio, passar  
com meu variado cortejo  
de coisas vivas, mortas,  
coisas de lixo e de despejo;*

*viu o mesmo boi morto  
que Manuel viu numa cheia (...)*

É o rio visto por Cabral e por Manuel Bandeira na meninice, e que depois do longo percurso que o traz do interior vem se misturar à salmoura do oceano. O rio deste poema é o mesmo de *O cão sem plumas*, só que agora manchado de realidade, de nomes próprios, de gente pobre, de atividades econômicas (usina, fábrica, engenho), de todo um universo social que o rio descreve, nomeia e comenta com o olhar distanciado e a ausência de emoção que cabem a um narrador impessoal e não-humano.

O terceiro elemento deste tríptico é *Morte e vida severina*, o livro mais popular e mais “social” do poeta. Aqui, o trajeto que na obra anterior fora percorrido pelo Capibaribe é refeito agora pelo retirante Severino, que foge à seca seguindo o curso do rio até o Recife, o mangue, o mar. Quem toma a palavra agora não é mais o poeta nem o rio, e sim uma sucessão de personagens que, como contas de rosário “de que a estrada fosse a linha”, reconstituem o trajeto que antes fora do rio.

Do Nordeste afirmou Gilberto Freyre em 1937 que há “pelo menos dois: o agrário e o pastoril”, o litorâneo da cana-de-açúcar e o sertanejo das fazendas de gado. Para efeito da poesia de Cabral, digamos que há o seco e o úmido; o da pedra e o da lama; o que é mumificado vivo pelo sol e o que é apodrecido pelo mar. O Recife é uma cidade de mar, mas recebe essas levadas incessantes de migrantes do interior que não param de inchar suas periferias, o que lhe dá essa dupla face de cidade de mangue povoada por sertanejos. Num poema dedicado “A Ademar Meneses” (em *Museu de tudo*), Cabral louva o artilheiro do Sport, do Vasco e da Seleção Brasileira:

*Recifense e, assim, dividido  
entre dois climas diferentes,  
ambidestro do seco e do úmido  
como em geral os recifenses, (...)*

Os três livros são como três estudos para um mesmo quadro utilizando técnicas diferentes, complementares. Do ponto de vista da linguagem existe também uma progressão ao longo deles. Primeiro, o uso de versos brancos e livres em *O cão sem plumas*, um dos raros livros de Cabral em que métrica fixa e rima não têm um papel essencial. Em seguida, a primeira experiência de Cabral com o modelo básico do romancista ibérico: *O rio* é um poema narrativo em versos de métrica variável, mas sempre oscilando em torno das sete sílabas da redondilha maior, com rimas toantes nas linhas pares. Por fim, *Morte e vida severina*, aproveitando inclusive a destinação teatral que lhe deu origem, utiliza uma enorme variedade de formatos tradicionais: a narrativa em redondilha maior, as ladainhas, as “incelências”, as sextilhas em pergunta e resposta (características da literatura de cordel) e outros modelos de origem ibérica.

*Paisagens com figuras* é o primeiro livro em que Cabral mistura suas lembranças pernambucanas às suas lembranças da Espanha, num pingue-pongue de imagens que tornaria a usar na maioria de suas obras. O título alude mais uma vez ao olhar “artista plástico” que o poeta lança sobre as coisas, onde uma igreja é comparada a uma “capitular que não quebra / o branco e preto da página”, em que um toureiro é grande porque deu “à vertigem, geometria”, em que as vilas vistas do alto são uma “constelação matemática”.

Vai ficando mais nítida nesse livro uma das técnicas que o poeta passaria a desenvolver: fazer comparações inesperadas entre duas imagens, baseando-se em alguma dinâmica oculta que as duas têm em comum e que seu olhar revela. Cabral enxerga as Formas das Forças que moldam a aparência e os movimentos dos seres animados e inanimados. Seu modo de percepção é o que esperaríamos talvez de um coreógrafo, de um cineasta, de um arquiteto, de um desenhista — não de um poeta radicalmente verbal para quem “flor é a palavra flor” e que define a poesia como “a exploração da materialidade das palavras e das possibilidades de organização de estruturas verbais”. Esta definição exemplar (e exemplarmente apolínea, racional) poderia ser complementada por outra em que ele definisse sua poesia como “uma exploração da verbalização de impressões visuais e das possibilidades de justaposição das dinâmicas a elas subjacentes”.

*Uma faca só lâmina* é a segunda tentativa do poeta (depois dos poemas reunidos em *Psicologia da composição*) de sistematizar as raízes intuitivas de sua poética. Porque Cabral, por mais racional que seja o seu projeto literário, é um poeta movido por intuições profundas, por sensações lancinantes que, em vez de racionalizar discursivamente, ele opta por transformar em usina geradora de imagens. Ferreira Gullar conta um episódio em que, vendo na parede da sala do poeta um quadro concretista excessivamente frio, ouviu dele a justificativa: “Eu preciso botar ordem em algum lugar, porque minha cabeça é um caos.” Não necessariamente por ser caos — porque o caos mental de João Cabral de Melo Neto provavelmente não era maior do que o da maioria de nós outros —, mas porque a intensidade dessas impressões subjetivas só pode ser comprimida e otimizada no interior de estruturas verbais novas, cuja mera experimentação seja para o poeta um desafio e uma aventura.

Bala, relógio, faca — assim Cabral interpreta algo que ele sente existir no interior do homem, ou de alguns homens. Algo que é presença e ausência ao mesmo tempo: a faca só lâmina é como o cão sem plumas, algo reduzido (ou elevado) à medula de si próprio. E que lembra a definição do Nada catalogada por Guimarães Rosa no primeiro prefácio de *Tutaméia*: “O nada é uma faca sem lâmina, da qual se tirou o cabo...” Porque é “uma ausência / o que esse homem leva”. Podemos considerar que este poema é a descrição mais cabralina do fenômeno a que em geral chamamos de “inspiração”: algo que, dentro de nós, nos leva a escrever poesia. Só que para Cabral a inspiração não é um estado d’alma, um influxo sobrenatural ou um transe místico; é “uma faca / entregue

inteiramente / à fome pelas coisas / que nas facas se sente”. É uma lâmina que não tem cabo por onde se a pegue e retire do corpo; ela fica lá dentro, afiando-se a si mesma, por que “quanto menos dorme / quanto menos sono há”.

Cabral vê a inspiração como um incômodo, “uma pedra de nascença” que “entranha a alma”, cuja origem não se sabe e cuja presença é tão definitiva e cabal que dispensa indagações sobre sua causa. Lembrando, mais uma vez, Guimarães Rosa, desta vez em *Grande sertão: veredas*:

*E mais conto o que com um Felisberto se dava. Assaz em aparências de saúde, mas tendo sido baleado na cabeça, fazia já alguns anos; uma bala de garrucha — a bala de cobre, se dizia — que estava encravada na vida de seus encaixes e carnes, em ponto onde ferramenta de doutor não alcançava de escrafunchar. (...) A maior felicidade era ele não saber quem tinha acertado nele aquela bala, não carecer de imaginar onde era que tal pessoa estava, nem de ódio constante de pensar nela.*

Essa bala “indigesta” na cabeça, que nenhuma aspirina ou cirurgia consegue extirpar em definitivo, é paradoxalmente benéfica, porque “faz menos rarefeito / todo aquele que a guarde”. As asperezas do discurso poético de Cabral não são, à luz dessa inspiração peculiar, uma simples tentativa de obrigar o leitor a um máximo de atenção cognitiva durante a leitura do poema. Elas exprimem o próprio modo de pensar do poeta, seu estado normal da mente, que lhe dá “a agudeza feroz, / certa eletricidade” necessária à criação.

\* \* \*

Os quatro livros reunidos neste volume marcam um momento decisivo na obra de João Cabral de Melo Neto, o momento em que todas as técnicas, intuições, vivências, memórias e impressões pungentes que ajudam a produzir uma voz poética convergiram na criação deste grupo de poemas, demarcando alguns dos caminhos principais que sua poesia iria explorar dali em diante.

Braulio Tavares

O RIO

ou

Relação da viagem  
que faz o Capibaribe  
de sua nascente  
à cidade do Recife  
(1953)

*“Quiero que componamos io  
e tú una prosa.”*  
BERCEO

*Da lagoa da Estaca a Apolinário*

Sempre pensara em ir  
caminho do mar.  
Para os bichos e rios  
nascer já é caminhar.  
Eu não sei o que os rios  
têm de homem do mar;  
sei que se sente o mesmo  
e exigente chamar.  
Eu já nasci descendo  
a serra que se diz do Jacará,  
entre caraibeiras  
de que só sei por ouvir contar  
(pois, também como gente,  
não consigo me lembrar  
dessas primeiras léguas  
de meu caminhar).

Desde tudo que lembro,  
lembro-me bem de que baixava  
entre terras de sede  
que das margens me vigiavam.  
Rio menino, eu temia  
aquela grande sede de palha,  
grande sede sem fundo  
que águas meninas cobiçava.  
Por isso é que ao descer  
caminho de pedras eu buscava,  
que não leito de areia  
com suas bocas multiplicadas.  
Leito de pedra abaixo  
rio menino eu saltava.  
Saltei até encontrar  
as terras fêmeas da Mata.

Por trás do que lembro,  
ouvi de uma terra desertada,  
vaziada, não vazia,  
mais que seca, calcinada.  
De onde tudo fugia,  
onde só pedra é que ficava,  
pedras e poucos homens  
com raízes de pedra, ou de cabra.  
Lá o céu perdia as nuvens  
derradeiras de suas aves;  
as árvores, a sombra,  
que nelas já não pousava.  
Tudo o que não fugia,  
gaviões, urubus, plantas bravas,  
a terra devastada  
ainda mais fundo devastava.

#### *A estrada da ribeira*

Como aceitara ir  
no meu destino de mar,  
preferi essa estrada,  
para lá chegar,  
que dizem da ribeira  
e à costa vai dar,  
que deste mar de cinza  
vai a um mar de mar;  
preferi essa estrada  
de muito dobrar,  
estrada bem segura  
que não tem errar  
pois é a que toda a gente  
costuma tomar  
(na gente que regressa  
sente-se cheiro de mar).

#### *De Apolinário a Poço Fundo*

Para o mar vou descendo  
por essa estrada da ribeira.  
A terra vou deixando

de minha infância primeira.  
Vou deixando uma terra  
reduzida à sua areia,  
terra onde as coisas vivem  
a natureza da pedra.  
À mão direita os ermos  
do Brejo da Madre de Deus,  
Taquaritinga à esquerda,  
onde o ermo é sempre o mesmo.  
Brejo ou Taquaritinga,  
mão direita ou mão esquerda,  
vou entre coisas poucas  
e secas além de sua pedra.

Deixando vou as terras  
de minha primeira infância.  
Deixando para trás  
os nomes que vão mudando.  
Terras que eu abandono  
porque é de rio estar passando.  
Vou com passo de rio,  
que é de barco navegando.  
Deixando para trás  
as fazendas que vão ficando.  
Vendo-as, enquanto vou,  
parece que estão desfilando.  
Vou andando lado a lado  
de gente que vai retirando;  
vou levando comigo  
os rios que vou encontrando.

### *Os rios*

Os rios que eu encontro  
vão seguindo comigo.  
Rios são de água pouca,  
em que a água sempre está por um fio.  
Cortados no verão  
que faz secar todos os rios.  
Rios todos com nome  
e que abraço como a amigos.  
Uns com nome de gente,  
outros com nome de bicho,

uns com nome de santo,  
muitos só com apelido.  
Mas todos como a gente  
que por aqui tenho visto:  
a gente cuja vida  
se interrompe quando os rios.

*De Poço Fundo a Couro d'Anta*

A gente não é muita  
que vive por esta ribeira.  
Vê-se alguma caieira  
tocando fogo ainda mais na terra;  
vê-se alguma fazenda  
com suas casas desertas:  
vêm para a beira da água  
como bichos com sede.  
As vilas não são muitas  
e quase todas estão decadentes.  
Constam de poucas casas  
e de uma pequena igreja,  
como, no *Itinerário*,  
já as descrevia Frei Caneca.  
Nenhuma tem escola;  
muito poucas possuem feira.

As vilas vão passando  
com seus santos padroeiros.  
Primeiro é Poço Fundo,  
onde Santo Antônio tem capela.  
Depois é Santa Cruz  
onde ao Senhor Bom Jesus se reza.  
Toritama, antes Torres,  
fez para a Conceição sua igreja.  
A vila de Capado  
chama-se pela sua nova capela.  
Em Topada, a igreja  
com um cemitério se completa.  
No lugar Couro d'Anta,  
a Conceição também se celebra.  
Sempre um santo preside  
à decadência de cada uma delas.

*A estrada da Paraíba*

Depois de Santa Cruz,  
que agora é Capibaribe,  
encontro uma outra estrada  
que desce da Paraíba.  
Saltando o Cariri  
e a serra de Taquaritinga,  
na estrada da ribeira  
ela deságua como num rio.  
Juntos, na da ribeira,  
continuamos, a estrada e o rio,  
agora com mais gente:  
a que por aquela estrada descia.  
Lado a lado com gente  
viajamos em companhia.  
Todos rumo do mar  
e do Recife esse navio.

Na estrada da ribeira  
até o mar ancho vou.  
Lado a lado com gente,  
no meu andar sem rumor.  
Não é estrada curta,  
mas é a estrada melhor,  
porque na companhia  
de gente é que sempre vou.  
Sou viajante calado,  
para ouvir histórias bom,  
a quem podeis falar  
sem que eu tente me interpor;  
junto de quem podeis  
pensar alto, falar só.  
Sempre em qualquer viagem  
o rio é o companheiro melhor.

*Do riacho das Éguas ao ribeiro do Mel*

Caruaru e Vertentes  
na outra manhã abandonei.  
Agora é Surubim,  
que fica do lado esquerdo.  
A seguir João Alfredo,

que também passa longe e não vejo.  
Enquanto na direita  
tudo são terras de Limoeiro.  
Meu caminho divide,  
de nome, as terras que desço.  
Entretanto a paisagem,  
com tantos nomes, é quase a mesma.  
A mesma dor calada,  
o mesmo soluço seco,  
mesma morte de coisa  
que não apodrece mas seca.

Coronéis padroeiros  
vão desfilando com cada vila.  
Passam Cheos, Malhadinha,  
muito pobres e sem vida.  
Depois é Salgadinho  
com pobres águas curativas.  
Depois é São Vicente,  
muito morta e muito antiga.  
Depois, Pedra Tapada,  
com poucos votos e pouca vida.  
Depois de Pirauíra,  
é um só arruado seguido,  
partido em muitos nomes,  
mas todo ele pobre e sem vida  
(que só há esta resposta  
à ladainha dos nomes dessas vilas).

### *Terras de Limoeiro*

Vou na mesma paisagem  
reduzida à sua pedra.  
A vida veste ainda  
sua mais dura pele.  
Só que aqui há mais homens  
para vencer tanta pedra,  
para amassar com sangue  
os ossos duros desta terra.  
E, se aqui há mais homens,  
esses homens melhor conhecem  
como obrigar o chão  
com plantas que comem pedra.

Há aqui homens mais homens  
que em sua luta contra a pedra  
sabem como se armar  
com as qualidades da pedra.

Dias depois, Limoeiro,  
cortada a faca na ribanceira.  
É a cidade melhor,  
tem cada semana duas feiras.  
Tem a rua maior,  
tem também aquela cadeia  
que Sebastião Galvão  
chamou de segura e muito bela.  
Tem melhores fazendas,  
tem inúmeras bolandeiras  
onde trabalha a gente  
para quem se fez aquela cadeia.  
Tem a igreja maior,  
que também é a mais feia,  
e a serra do Urubu  
onde desses símbolos negros.

Porém bastante sangue  
nunca existe guardado em veias  
para amassar a terra  
que seca até sua funda pedra.  
Nunca bastantes rios  
matarão tamanha sede,  
ainda escancarada,  
ainda sem fundo e de areia.  
Pois, aqui, em Limoeiro,  
com seu trem, sua ponte de ferro,  
com seus algodoais,  
com suas carrapateiras,  
persiste a mesma sede,  
ainda sem fundo, de palha ou areia,  
bebendo tantos riachos  
extraviados pelas capoeiras.

*De Limoeiro a Ilhetas*

Deixando vou agora  
esta cidade de Limoeiro.

Passa Ribeiro Fundo,  
onde só vivem ferreiros,  
gente dura que faz  
essas mãos mais duras de ferro  
com que se obriga a terra  
a entregar seu fruto secreto.  
Passa depois Boi-Seco,  
Feiticeiro, Gameleira, Ilhetas,  
pequenos arruados  
plantados em terra alheia,  
onde vivem as mãos  
que calçando as outras, de ferro,  
vão arrancar da terra  
os alheios frutos do alheio.

### *O trem de ferro*

Agora vou deixando  
o município de Limoeiro.  
Lá dentro da cidade  
havia encontrado o trem de ferro.  
Faz a viagem do mar,  
mas não será meu companheiro,  
apesar dos caminhos  
que quase sempre vão paralelos.  
Sobre seu leito liso,  
com seu fôlego de ferro,  
lá no mar do Arrecife  
ele chegará muito primeiro.  
Sou um rio de várzea,  
não posso ir tão ligeiro.  
Mesmo que o mar os chame,  
os rios, como os bois, são ronceiros.

Outra vez ouço o trem  
ao me aproximar de Carpina.  
Vai passar na cidade,  
vai pela chã, lá por cima.  
Detém-se raramente,  
pois que sempre está fugindo,  
esquivando apressado  
as coisas de seu caminho.  
Diversa da dos trens

é a viagem que fazem os rios:  
convivem com as coisas  
entre as quais vão fluindo;  
demoram nos remansos  
para descansar e dormir;  
convivem com a gente  
sem se apressar em fugir.

*De Ilhetas ao Petribu*

Parece que ouço agora  
que vou deixando o Agreste:  
“Rio Capibaribe,  
que mau caminho escolheste.  
Vens de terras de sola,  
curtidas de tanta sede,  
vais para terra pior,  
que apodrece sob o verde.  
Se aqui tudo secou  
até seu osso de pedra,  
se a terra é dura, o homem  
tem pedra para defender-se.  
Na Mata, a febre, a fome  
até os ossos amolecem.”  
Penso: o rumo do mar  
sempre é o melhor para quem desce.

*Encontro com o canavial*

No outro dia deixava  
o Agreste, na Chã do Carpina.  
Entrava por Paudalho,  
terra já de cana e de usinas.  
Via plantas de cana  
com sua cabeleira, ou crina,  
muita folha de cana  
com sua lâmina fina,  
muita soca de cana  
com sua aparência franzina,  
e canas com pendões  
que são as canas maninhas.

Como terras de cana,  
são muito mais brandas e femininas.  
Foram terras de engenho,  
agora são terras de usina.

### *Outros rios*

Foram terras de engenho,  
agora são terras de usina.  
É o que contam os rios  
que vou encontrando por aqui.  
Rios bem diferentes  
daqueles que já viajam comigo.  
A estes também abraço  
com abraço líquido e amigo.  
Os primeiros porém  
nenhuma palavra respondiam.  
Debaixo do silêncio  
eu não sei o que traziam.  
Nenhum deles também  
antecipar sequer parecia  
o ancho mar do Recife  
que os estava aguardando um dia.

Primeiro é o Petribu,  
que trabalha para uma usina.  
Trabalham para engenhos  
o Apuá e o Cursai.  
O Cumbe e o Cajueiro  
cresceram, como o Camilo,  
entre cassacos do eito,  
no mesmo duro serviço.  
Depois é o Muçurepe,  
que trabalha para outra usina.  
Depois vem o Goitá,  
dos lados da Chã da Alegria.  
Então, o Tapacurá,  
dos lados da Luz, freguesia  
da gente do escrivo  
que foi escrevendo o que eu dizia.

### *Conversa de rios*

Só após algum caminho  
é que alguns contam seu segredo.  
Contam por que possuem  
aquela pele tão espessa;  
por que todos caminham  
com aquele ar descalço de negros;  
por que descem tão tristes  
arrastando lama e silêncio.  
A história é uma só  
que os rios sabem dizer:  
a história dos engenhos  
com seus fogos a morrer.  
Nelas existe sempre  
uma usina e um bangüê:  
a usina com sua boca,  
com suas várzeas o bangüê.

A usina possui sempre  
uma moenda de nome inglês;  
o engenho, só a terra  
conhecida como massapê.  
E o que não pode entrar  
nas moendas de nome inglês  
a usina vai moendo  
com muitos outros meios de moer.  
A usina tem urtigas,  
a usina tem morcegos,  
que ela pode soltar  
como amestrados exércitos  
para ajudar o tempo  
que vai roendo os engenhos,  
como toda já roeu  
a casa-grande do Poço do Aleixo.

### *Do Petribu ao Tapacurá*

As coisas não são muitas  
que vou encontrando neste caminho.  
Tudo planta de cana  
nos dois lados do caminho;  
e mais plantas de cana

nos dois lados dos caminhos  
por onde os rios descem  
que vou encontrando neste caminho;  
e outras plantas de cana  
há nas ribanceiras dos outros rios  
que estes encontraram  
antes de se encontrarem comigo.  
Tudo planta de cana  
e assim até o infinito;  
tudo planta de cana  
para uma só boca de usina.

As casas não são muitas  
que por aqui tenho encontrado  
(os povoados são raros  
que a cana não tenha expulsado).  
Poucas tem Rosarinho  
e Desterro, que está pegado.  
Paudalho, que é maior,  
está menos ameaçada,  
Paudalho essa cidade  
construída dentro de um valado,  
com sua ponte de ferro  
que eu atravesso de um salto.  
Santa Rita é depois,  
onde os trens fazem parada:  
só com medo dos trens  
é que o canavial não a assalta.

### *Descoberta da Usina*

Até este dia, usinas  
eu não havia encontrado.  
Petribu, Muçurepe,  
para trás tinham ficado,  
porém o meu caminho  
passa por ali muito apressado.  
De usina eu conhecia  
o que os rios tinham contado.  
Assim, quando da Usina  
eu me estava aproximando,  
tomei caminho outro  
do que vi o trem tomar:

tomei o da direita,  
que a cambiteira vi tomar,  
pois eu queria a Usina  
mais de perto examinar.

Vira usinas comer  
as terras que iam encontrando;  
com grandes canaviais  
todas as várzeas ocupando.  
O canavial é a boca  
com que primeiro vão devorando  
matas e capoeiras,  
pastos e cercados;  
com que devoram a terra  
onde um homem plantou seu roçado;  
depois os poucos metros  
onde ele plantou sua casa;  
depois o pouco espaço  
de que precisa um homem sentado;  
depois os sete palmos  
onde ele vai ser enterrado.

Muitos engenhos mortos  
havia passado no meu caminho.  
De porteira fechada,  
quase todos foram engolidos.  
Muitos com suas serras,  
todos eles com seus rios,  
rios de nome igual  
como crias de casa, ou filhos.  
Antes foram engenhos,  
poucos agora são usinas.  
Antes foram engenhos,  
agora são imensos partidos.  
Antes foram engenhos,  
com suas caldeiras vivas;  
agora são informes  
partidos que nada identifica.

### *Encontro com a Usina*

Mas na Usina é que vi  
aquela boca maior

que existe por detrás  
das bocas que ela plantou;  
que come o canavial  
que contra as terras soltou;  
que come o canavial  
e tudo o que ele devorou;  
que come o canavial  
e as casas que ele assaltou;  
que come o canavial  
e as caldeiras que sufocou.  
Só na Usina é que vi  
aquela boca maior,  
a boca que devora  
bocas que devorar mandou.

Na vila da Usina  
é que fui descobrir a gente  
que as canas expulsaram  
das ribanceiras e vazantes;  
e que essa gente mesma  
na boca da Usina são os dentes  
que mastigam a cana  
que a mastigou enquanto gente;  
que mastigam a cana  
que mastigou anteriormente  
as moendas dos engenhos  
que mastigavam antes outra gente;  
que nessa gente mesma,  
nos dentes fracos que ela arrenda,  
as moendas estrangeiras  
sua força melhor assentam.

Por esta grande usina  
olhando com cuidado eu vou,  
que esta foi a usina  
que toda esta Mata dominou.  
Numa usina se aprende  
como a carne mastiga o osso,  
se aprende como mãos  
amassam a pedra, o caroço;  
numa usina se assiste  
à vitória, de dor maior,  
do brando sobre o duro,  
do grão amassando a mó;  
numa usina se assiste

à vitória maior e pior,  
que é a de pedra dura  
furada pelo suor.

Para trás vai ficando  
a triste povoação daquela usina  
onde vivem os dentes  
com que a fábrica mastiga.  
Dentes frágeis, de carne,  
que não duram mais de um dia;  
dentes são que se comem  
ao mastigar para a Companhia;  
de gente que, cada ano,  
o tempo da safra é que vive,  
que, na braça da vida,  
tem marcado curto o limite.  
Vi homens de bagaço  
enquanto por ali discorria;  
vi homens de bagaço  
que morte úmida embebia.

E vi todas as mortes  
em que esta gente vivia:  
vi a morte por crime,  
pingando a hora na vigia;  
a morte por desastre,  
com seus gumes tão precisos,  
como um braço se corta,  
cortar bem rente muita vida;  
vi a morte por febre,  
precedida de seu assovio,  
consumir toda a carne  
com um fogo que por dentro é frio.  
Ali não é a morte  
de planta que seca, ou de rio:  
é morte que apodrece,  
ali natural, pelo visto.

*Da Usina a São Lourenço da Mata*

Agora vou deixando  
a povoação daquela usina.  
Outra vez vou baixando

entre infindáveis partidos;  
entre os mares de verde  
que sabe pintar Cícero Dias,  
pensando noutro engenho  
devorado por outra usina;  
entre colinas mansas  
de uma terra sempre em cio,  
que o vento, com carinho,  
penteia, como se sua filha.  
Que nem ondas de mar,  
multiplicadas, elas se estendiam;  
como ondas do mar de mar  
que vou conhecer um dia.

À tarde deixo os mares  
daquela usina de usinas;  
vou entrando nos mares  
de algumas outras usinas.  
Sei que antes esses mares  
inúmeros se dividiam  
até que um mar mais forte  
os mais fracos engolia  
(hoje só grandes mares  
a Mata inteira dominam).  
Mas o mar obedece  
a um destino sem divisa,  
e o grande mar de cana,  
como o verdadeiro, algum dia,  
será uma só água  
em toda esta com um cercania.

*De São Lourenço à Ponte de Prata*

Vou pensando no mar  
que daqui ainda estou vendo;  
em toda aquela gente  
numa terra tão viva morrendo.  
Através deste mar  
vou chegando a São Lourenço,  
que de longe é como ilha  
no horizonte de cana aparecendo;  
através deste mar,  
como um barco na corrente,

mesmo sendo eu o rio,  
que vou navegando parece.  
Navegando este mar,  
até o Recife irei,  
que as ondas deste mar  
somente lá se detêm.

Ao entrar no Recife,  
não pensem que entro só.  
Entra comigo a gente  
que comigo baixou  
por essa velha estrada  
que vem do interior;  
entram comigo rios  
a quem o mar chamou,  
entra comigo a gente  
que com o mar sonhou,  
e também retirantes  
em quem só o suor não secou;  
e entra essa gente triste,  
a mais triste que já baixou,  
a gente que a usina,  
depois de mastigar, largou.

Entra a gente que a usina  
depois de mastigar largou;  
entra aquele usineiro  
que outro maior devorou;  
entra esse bangüezeiro  
reduzido a fornecedor;  
entra detrás um destes,  
que agora é um simples morador;  
detrás, o morador  
que nova safra já não fundou;  
entra, como cassaco,  
esse antigo morador;  
entra enfim o cassaco,  
que por todas aquelas bocas passou.  
Detrás de cada boca,  
ele vê que há uma boca maior.

A gente das usinas  
foi mais um afluente a engrossar  
aquele rio de gente  
que vem de além do Jacarará.  
Pelo mesmo caminho  
que venho seguindo desde lá,  
vamos juntos, dois rios,  
cada um para seu mar.  
O trem outro caminho  
tomou na Ponte de Prata;  
foi por Tijipió  
e pelos mangues de Afogados.  
Sempre com retirantes,  
vou pela Várzea e por Caxangá,  
onde as últimas ondas  
de cana se vêm espriar.

Entra-se no Recife  
pelo engenho São Francisco.  
Já em terras da Várzea,  
está São João, uma antiga usina.  
Depois se atinge a Várzea,  
a vila propriamente dita,  
com suas árvores velhas  
que dão uma sombra também antiga.  
A seguir, Caxangá,  
também velha e recolhida,  
onde começa a estrada  
dita Nova, ou de Iputinga,  
que quase reta à cidade,  
que é o mar a que se destina,  
leva a gente que veio  
baixando em minha companhia.

Vou deixando à direita  
aquela planície aterrada  
que desde os pés de Olinda  
até os montes Guararapes,  
e que de Caxangá  
até o mar oceano,  
para formar o Recife  
os rios vão sempre atulhando.  
Com água densa de terra  
onde muitas usinas urinaram,  
água densa de terra

e de muitas ilhas engravada.  
Com substância de vida  
é que os rios a vão aterrando,  
com esses lixos de vida  
que os rios viemos carreando.

*De Caxangá a Apipucos*

Até aqui as últimas  
ondas de cana não chegam.  
Agora o vento sopra  
em folhas de um outro verde.  
Folhas muito mais finas  
as brisas daqui penteiam.  
São cabelos de moças  
que vêm cortar capinheiros;  
são cabelos das moças  
ou dos bacharéis em direito  
que devem habitar  
naqueles sobrados tão pitorescos  
(pois os cabelos da gente  
que apodrece na lama negra  
geram folhas de mangue,  
que são folhas duras e grosseiras).

*De Apipucos à Madalena*

Agora vou entrando  
no Recife pitoresco,  
sentimental, histórico,  
de Apipucos e do Monteiro;  
do Poço da Panela,  
da Casa Forte e do Caldeireiro,  
onde há poças de tempo  
estagnadas sob as mangueiras;  
de Sant'Ana de Fora  
e de Sant'Ana de Dentro,  
das muitas olarias,  
rasas, se agachando do vento.  
E mais sentimental,  
histórico e pitoresco

vai ficando o caminho  
a caminho da Madalena.

Um velho cais roído  
e uma fila de oitizeiros  
há na curva mais lenta  
do caminho pela Jaqueira,  
onde (não mais está)  
um menino bastante guenzo  
de tarde olhava o rio  
como se filme de cinema;  
via-me, rio, passar  
com meu variado cortejo  
de coisas vivas, mortas,  
coisas de lixo e de despejo;  
viu o mesmo boi morto  
que Manuel viu numa cheia,  
viu ilhas navegando,  
arrancadas das ribanceiras.

Vi muitos arrabaldes  
ao atravessar o Recife:  
alguns na beira da água,  
outros em deitadas colinas;  
muitos no alto de cais  
com casarões de escadas para o rio;  
todos sempre ostentando  
sua ulcerada alvenaria;  
todos porém no alto  
de sua gasta aristocracia;  
todos bem orgulhosos,  
não digo de sua poesia,  
sim, da história doméstica  
que estuda para descobrir, nestes dias,  
como se palitavam  
os dentes nesta freguesia.

### *As primeiras ilhas*

Rasas na altura da água  
começam a chegar as ilhas.  
Muitas a maré cobre  
e horas mais tarde ressuscita

(sempre depois que afloram  
outra vez à luz do dia  
voltam com chão mais duro  
do que o que dantes havia).  
Rasas na altura da água  
vê-se brotar outras ilhas:  
ilhas ainda sem nome,  
ilhas ainda não de todo paridas.  
Ilha Joana Bezerra,  
do Leite, do Retiro, do Maruim:  
o touro da maré  
a estas já não precisa cobrir.

### *O outro Recife*

Casas de lama negra  
há plantadas por essas ilhas  
(na enchente da maré  
elas navegam como ilhas);  
casas de lama negra  
daquela cidade anfíbia  
que existe por debaixo  
do Recife contado em Guias.  
Nela deságua a gente  
(como no mar deságuam rios)  
que de longe desceu  
em minha companhia;  
nela deságua a gente  
de existência imprecisa,  
no seu chão de lama  
entre água e terra indecisa.

### *Dos Coelhoos ao cais de Santa Rita*

Mas deixo essa cidade:  
dela mais tarde contarei.  
Vou naquele caminho  
que pelo hospital dos Coelhoos,  
por cais de que as vazantes  
exibem gengivas negras,  
leva àquele Recife

de fundação holandesa.  
Nele passam as pontes  
de robustez portuguesa,  
anúncios luminosos  
com muitas palavras inglesas;  
passa ainda a cadeia,  
passa o Palácio do Governo,  
ambos robustos, sólidos,  
plantados no chão mais seco.

Rio lento de várzea,  
vou agora ainda mais lento,  
que agora minhas águas  
de tanta lama me pesam.  
Vou agora tão lento,  
porque é pesado o que carrego:  
vou carregado de ilhas  
recolhidas enquanto desço;  
de ilhas de terra preta,  
imagem do homem aqui de perto  
e do homem que encontrei  
no meu comprido trajeto  
(também a dor desse homem  
me impõe essa passada de doença,  
arrastada, de lama,  
e assim cuidadosa e atenta).

Vão desfilando cais  
com seus sobrados ossudos.  
Passam muitos sobrados  
com seus telhados agudos.  
Passam, muito mais baixos,  
os armazéns de açúcar do Brum.  
Passam muitas barcaças  
para Itapissuma, Igarapé.  
No cais de Santa Rita,  
enquanto vou norte-sul,  
surge o mar, afinal,  
como enorme montanha azul.  
No cais, Joaquim Cardozo  
morou e aprendeu a luz  
das costas do Nordeste,  
mineral de tanto azul.

*As duas cidades*

Mas antes de ir ao mar,  
onde minha fala se perde,  
vou contar da cidade  
habitada por aquela gente  
que veio meu caminho  
e de quem fui o confidente.  
Lá pelo Beberibe  
aquela cidade também se estende,  
pois sempre junto aos rios  
prefere se fixar aquela gente;  
sempre perto dos rios,  
companheiros de antigamente,  
como se não pudessem  
por um minuto somente  
dispensar a presença  
de seus conhecidos de sempre.

Conheço todos eles,  
do Agreste e da Caatinga;  
gente também da Mata,  
vomitada pelas usinas;  
gente também daqui  
que trabalha nestas usinas,  
que aqui não moem cana,  
moem coisas muito mais finas.  
Muitas eu vi passar:  
fábricas, como aqui se apelidam;  
têm bueiro como usina,  
são iguais também por famintas.  
Só que as enormes bocas  
que existem aqui nestas usinas  
encontram muitas pedras  
dentro de sua farinha.

A gente da cidade  
que há no avesso do Recife  
tem em mim um amigo,  
seu companheiro mais íntimo.  
Vivo com esta gente,  
entro-lhes pela cozinha;  
como bicho de casa  
penetro nas camarinhas.  
As vilas que passei

sempre abracei como amigo;  
desta vila de lama  
é que sou mais do que amigo:  
sou o amante, que abraça  
com corpo mais confundido;  
sou o amante, com ela  
leito de lama dividido.

Tudo o que encontrei  
na minha longa descida,  
montanhas, povoados,  
caieiras, viveiros, olarias,  
mesmo esses pés de cana  
que tão iguais me pareciam,  
tudo levava um nome  
com que poder ser conhecido.  
A não ser esta gente  
que pelos mangues habita:  
eles são gente apenas  
sem nenhum nome que os distinga;  
que os distinga na morte  
que aqui é anônima e seguida.  
São como ondas de mar,  
uma só onda, e sucessiva.

A não ser esta cidade  
que vim encontrar sob o Recife:  
sua metade podre  
que com lama podre se edifica.  
É cidade sem nome  
sob a capital tão conhecida.  
Se é também capital,  
será uma capital mendiga.  
É cidade sem ruas  
e sem casas que se diga.  
De outra qualquer cidade  
possui apenas polícia.  
Desta capital podre  
só as estatísticas dão notícia,  
ao medir sua morte,  
pois não há o que medir em sua vida.

Conheço toda a gente  
que deságua nestes alagados.  
Não estão no nível de cais,

vivem no nível da lama e do pântano.  
Gente de olho perdido  
olhando-me sempre passar  
como se eu fosse trem  
ou carro de viajar.  
É gente que assim me olha  
desde o sertão do Jacarará;  
gente que sempre me olha  
como se, de tanto me olhar,  
eu pudesse o milagre  
de, num dia ainda por chegar,  
levar todos comigo,  
retirantes para o mar.

### *Os dois mares*

A um rio sempre espera  
um mais vasto e ancho mar.  
Para a gente que desce  
é que nem sempre existe esse mar,  
pois eles não encontram  
na cidade que imaginavam mar  
senão outro deserto  
de pântanos perto do mar.  
Por entre esta cidade  
ainda mais lenta é minha pisada;  
retardo enquanto posso  
os últimos dias da jornada.  
Não há talhas que ver,  
muito menos o que tombar:  
há apenas esta gente  
e minha simpatia calada.

### *Oferenda*

Já deixando o Recife  
entro pelos caminhos comuns do mar:  
entre barcos de longe,  
sábios de muito viajar;  
junto desta barçaça  
que vai no rumo de Itamaracá;

lado a lado com rios  
que chegam do Pina com o Jiquiá.  
Ao partir companhia  
desta gente dos alagados  
que lhe posso deixar,  
que conselho, que recado?  
Somente a relação  
de nosso comum retirar;  
só esta relação  
tecida em grosso tear.

PAISAGENS COM FIGURAS  
(1954-1955)

*A Annibal M. Machado*

Pregão turístico do Recife

*A Otto Lara Resende*

Aqui o mar é uma montanha  
regular redonda e azul,  
mais alta que os arrecifes  
e os mangues rasos ao sul.

Do mar podeis extrair,  
do mar deste litoral,  
um fio de luz precisa,  
matemática ou metal.

Na cidade propriamente  
velhos sobrados esguios  
apertam ombros calcários  
de cada lado de um rio.

Com os sobrados podeis  
aprender lição madura:  
um certo equilíbrio leve,  
na escrita, da arquitetura.

E neste rio indigente,  
sangue-lama que circula  
entre cimento e esclerose  
com sua marcha quase nula,  
e na gente que se estagna

nas mucosas deste rio,  
morrendo de apodrecer  
vidas inteiras a fio,

podeis aprender que o homem  
é sempre a melhor medida.  
Mais: que a medida do homem  
não é a morte mas a vida.

Medinaceli

(Terra provável do autor anônimo do *Cantar de Mio Cid*)

Do alto de sua montanha  
numa lenta hemorragia  
do esqueleto já folgado  
a cidade se esvazia.

Puseram Medinaceli  
bem na entrada de Castela  
como no alto de um portão  
se põe um leão de pedra.

Medinaceli era o centro  
(nesse elevado plantão)  
do tabuleiro das guerras  
entre Castela e o Islão,

entre Leão e Castela,  
entre Castela e Aragão,  
entre o barão e seu rei,  
entre o rei e o infanção,

onde engenheiros, armados  
com abençoados projetos,  
lograram edificar  
todo um deserto modelo.

Agora, Medinaceli  
é cidade que se esvai:  
mais desce por esta estrada  
do que esta estrada lhe traz.

Pouca coisa lhe sobrou  
senão ocos monumentos,  
senão a praça esvaída  
que imita o geral exemplo;

pouca coisa lhe sobrou  
se não foi o poemão  
que poeta daqui contou  
(talvez cantou, cantochão),

que poeta daqui escreveu  
com a dureza de mão  
com que hoje a gente daqui  
diz em silêncio seu *não*.

## Imagens em Castela

Se alguém procura a imagem  
da paisagem de Castela  
procure no dicionário:  
*meseta* provém de mesa.

É uma paisagem em largura,  
de qualquer lado infinita.  
É uma mesa sem nada  
e horizontes de marinha

posta na sala deserta  
de uma ampla casa vazia,  
casa aberta e sem paredes,  
rasa aos espaços do dia.

Na casa sem pé-direito,  
na mesa sem serventia,  
apenas, com seu cachorro,  
vem sentar-se a ventania.

E quando não é a mesa  
sem toalha e sem terrina,  
a paisagem de Castela  
num grande palco se amplia:

no palco raso, sem fundo,  
só horizonte, do teatro  
para a ópera que as nuvens  
dão ali em espetáculo:

palco raso e sem fundo,  
palco que só fosse chão,  
agora só freqüentado  
pelo vento e por seu cão.

No mais, não é Castela  
mesa nem palco, é o pão:  
a mesma crosta queimada,  
o mesmo pardo no chão;

aquele mesmo equilíbrio,  
de seco e úmido, do pão,  
terra de águas contadas  
onde é mais contado o grão;

aquele maciez sofrida  
que se pode ver no pão  
e em tudo o que o homem faz  
diretamente com a mão.

E mais: por dentro, Castela  
tem aquela dimensão  
dos homens de pão escasso,  
sua calada condição.

O vento no canavial

Não se vê no canavial  
nenhuma planta com nome,  
nenhuma planta maria,  
planta com nome de homem.

É anônimo o canavial,  
sem feições, como a campina;  
é como um mar sem navios,  
papel em branco de escrita.

É como um grande lençol  
sem dobras e sem bainha;  
penugem de moça ao sol,  
roupa lavada estendida.

Contudo há no canavial  
oculta fisionomia:  
como em pulso de relógio  
há possível melodia,

ou como de um avião  
a paisagem se organiza,  
ou há finos desenhos nas  
pedras da praça vazia.

Se venta no canavial  
estendido sob o sol  
seu tecido inanimado  
faz-se sensível lençol,

se muda em bandeira viva,  
de cor verde sobre verde,  
com estrelas verdes que  
no verde nascem, se perdem.

Não lembra o canavial,  
então, as praças vazias:  
não tem, como têm as pedras,  
disciplina de milícias.

É solta sua simetria:  
como a das ondas na areia  
ou as ondas da multidão  
lutando na praça cheia.

Então, é da praça cheia  
que o canavial é a imagem:  
vêm-se as mesmas correntes  
que se fazem e desfazem,

voragens que se desatam,  
redemoinhos iguais,  
estrelas iguais àquelas  
que o povo na praça faz.

## Fábula de Joan Brossa

Joan Brossa, poeta frugal,  
que só come tomate e pão,  
que sobre papel de estiva  
compõe versos a carvão,  
nas feiras de Barcelona,  
Joan Brossa, poeta buscão,  
as sete caras do dado,  
as cinco patas do cão,  
antes buscava, Joan Brossa,  
místico da aberração,  
buscava encontrar nas feiras  
sua poética sem-razão.  
Mas porém como buscava  
onde é o sol mais temporão,  
pelo Clot, Hospitalet,  
onde as vidas de artesão,  
por bairros onde as semanas  
sobram da vara do pão  
e o horário é mais comprido  
que fio de tecelão,  
acabou vendo, Joan Brossa,  
que os verbos do catalão  
tinham coisas por detrás,  
eram só palavras, não.  
Agora os olhos, Joan Brossa  
(sua trocada instalação)  
voltou às coisas espessas,  
que a gravidez pesa ao chão,  
e escreveu um *Dragãozinho*  
denso, de copa e fogão,  
que combate as mercearias  
com ênfase de dragão.

Vale do Capibaribe

Vale do Capibaribe  
por Santa Cruz, Toritama:  
cena para cronicões,  
para épicas castelhanas.

Mas é paisagem em que nada  
ocorreu em nenhum século  
(nem mesmo águas ocorrem  
na língua dos rios secos).

Nada aconteceu embora  
a pedra pareça extinta  
e os ombros de monumento  
finjam história e ruína.

(De que seriam ruína,  
de que já foram paredes?  
Do forno em que o deus da seca  
acendia a sua sede?)

E também nada acontece:  
raro o pobre romanceiro  
da cruz na estrada, mais raro  
o crime não rotineiro

com acentos de gesta (ou  
as façanhas cangaceiras)  
que o vale possa ecoar  
e seja cantado em feira.

No mentido alicerce de  
morta civilização  
a luta que sempre ocorre  
não é tema de canção.

É a luta contra o deserto,  
luta em que sangue não corre,  
em que o vencedor não mata  
mas aos vencidos absorve.

É uma luta contra a terra  
e sua boca sem saliva,  
seus intestinos de pedra,  
sua vocação de calíça,

que se dá de dia em dia,  
que se dá de homem a homem,  
que se dá de seca em seca,  
que se dá de morte em morte.

Campo de Tarragona

Do alto da torre quadrada  
da casa de En Joan Miró  
o campo de Tarragona  
é mapa de uma só cor.

É a terra de Catalunha  
terra de verdes antigos,  
penteada de avelã,  
oliveiras, vinha, trigo.

No campo de Tarragona  
dá-se sem guardar desvãos:  
como planta de engenheiro  
ou sala de cirurgião.

No campo de Tarragona  
(campo ou mapa o que se vê?)  
a face da Catalunha  
é mais clássica de ler.

Podeis decifrar as vilas,  
constelação matemática,  
que o sol vai acendendo  
por sobre o verde de mapa.

Podeis lê-las na planície  
como em carta geográfica,  
com seus volumes que ao sol  
têm agudeza de lâmina,

podeis vê-las, recortadas,  
com as torres oitavadas  
de suas igrejas pardas,  
igrejas, mas calculadas.

Girando-se sobre o mapa,  
desdobrado pelo chão  
ao pé da torre quadrada,  
se avista o mar catalão.

É mar também sem mistério,  
é mar de medidas ondas,  
a prolongar o humanismo  
do campo de Tarragona.

Foram águas tão lavradas  
quanto os campos catalães.  
Mas poucas velas trabalham,  
hoje, mar de tantas cãs.

Cemitério pernambucano (Toritama)

Para que todo este muro?  
Por que isolar estas tumbas  
do outro ossário mais geral  
que é a paisagem defunta?

A morte nesta região  
gera dos mesmos cadáveres?  
Já não os gera de calça?  
Terão alguma umidade?

Para que a alta defesa,  
alta quase para os pássaros,  
e as grades de tanto ferro,  
tanto ferro nos cadeados?

— Deve ser a sementeira  
o defendido hectare,  
onde se guardam as cinzas  
para o tempo de semear.

## Encontro com um poeta

Em certo lugar da Mancha,  
onde mais dura é Castela,  
sob as espécies de um vento  
soprando armado de areia,  
vim surpreender a presença,  
mais do que pensei, severa,  
de certo Miguel Hernández,  
hortelão de Orihuela.

A voz desse tal Miguel,  
entre palavras e terra  
indecisa, como em Fraga  
as casas o estão da terra,  
foi um dia arquitetura,  
foi voz métrica de pedra,  
tal como, cristalizada,  
surge Madrid a quem chega.

Mas a voz que percebi  
no vento da parameira  
era de terra sofrida  
e batida, terra de eira.

Não era a voz expurgada  
de suas obras seletas:  
era uma edição do vento,  
que não vai às bibliotecas,  
era uma edição incômoda,  
a que se fecha a janela,  
incômoda porque o vento  
não censura mas libera.

A voz que então percebi  
no vento da parameira  
era aquela voz final  
de Miguel, rouca de guerra  
(talvez ainda mais aguda  
no sotaque da poeira;  
talvez mais dilacerada  
quando o vento a interpreta).

Vi então que a terra batida  
do fim da vida do poeta,  
terra que de tão sofrida  
acabou virando pedra,  
se havia multiplicado  
naquelas facas de areia

e que, se multiplicando,  
multiplicara as arestas.  
Naquela edição do vento  
senti a voz mais direta:  
igual que árvore amputada,  
ganhara gumes de pedra.

Cemitério pernambucano (São Lourenço da Mata)

É cemitério marinho  
mas marinho de outro mar.  
Foi aberto para os mortos  
que afoga o canavial.

As covas no chão parecem  
as ondas de qualquer mar,  
mesmo as de cana, lá fora,  
lambendo os muros de cal.

Pois que os carneiros de terra  
parecem ondas de mar,  
não levam nomes: uma onda  
onde se viu batizar?

Também marinho: porque  
as caídas cruzes que há  
são menos cruzes que mastros  
quando a meio naufragar.

Alguns toureiros

*A Antonio Houaiss*

Eu vi Manolo González  
e Pepe Luís, de Sevilha:  
precisão doce de flor,  
graciosa, porém precisa.

Vi também Julio Aparício,  
de Madrid, como *Parrita*:  
ciência fácil de flor,  
espontânea, porém estrita.

Vi Miguel Báez, *Litri*,  
dos confins da Andaluzia,  
que cultiva uma outra flor:  
angustiosa de explosiva.

E também Antonio Ordóñez,  
que cultiva flor antiga:  
perfume de renda velha,  
de flor em livro dormida.

Mas eu vi Manuel Rodríguez,  
*Manolete*, o mais deserto,  
o toureiro mais agudo,  
mais mineral e desperto,

o de nervos de madeira,  
de punhos secos de fibra,  
o de figura de lenha,  
lenha seca de caatinga,

o que melhor calculava  
o fluido aceiro da vida,  
o que com mais precisão  
roçava a morte em sua fímbria,

o que à tragédia deu número,  
à vertigem, geometria,  
decimais à emoção

e ao susto, peso e medida,

sim, eu vi Manuel Rodríguez,  
*Manolete*, o mais asceta,  
não só cultivar sua flor  
mas demonstrar aos poetas:

como domar a explosão  
com mão serena e contida,  
sem deixar que se derrame  
a flor que traz escondida,

e como, então, trabalhá-la  
com mão certa, pouca e extrema:  
sem perfumar sua flor,  
sem poetizar seu poema.

Cemitério pernambucano (Nossa Senhora da Luz)

Nesta terra ninguém jaz,  
pois também não jaz um rio  
noutro rio, nem o mar  
é cemitério de rios.

Nenhum dos mortos daqui  
vem vestido de caixão.  
Portanto, eles não se enterram,  
são derramados no chão.

Vêm em redes de varandas  
abertas ao sol e à chuva.  
Trazem suas próprias moscas.  
O chão lhes vai como luva.

Mortos ao ar-livre, que eram,  
hoje à terra-livre estão.  
São tão da terra que a terra  
nem sente sua intrusão.

Paisagem tipográfica

Nem como sabe ser seca  
Catalunha no Montblanc;  
nem é Catalunha Velha  
sóbria assim em Camprodón.

A paisagem tipográfica  
de Enric Tormo, artesão,  
é ainda bem mais simples  
que a horizontal do Ampurdán:

é ainda mais despojada  
do que a vila de Cervera,  
compacta, delimitada  
como bloco na galera.

A paisagem tipográfica  
de Enric Tormo, impressor,  
é melhor localizada  
em vistas de arte menor:

na pobre paginação  
da Tarrasa e Sabadell,  
nas interlinhas estreitas  
das cidades do Vallés,

nos bairros industriais  
com poucas margens em branco  
da Catalunha fabril  
composta em negro normando.

Nas vilas em linhas retas  
feitas a componedor,  
nas vilas de vida estrita  
e impressas numa só cor

(e onde às vezes se surpreende  
igreja fresca e romântica,  
capitular que não quebra  
o branco e preto da página)

foi que achei a qualidade  
dos livros deste impressor  
e seu grave ascetismo  
de operário (não de Dom).

### Alto do Trapuá

Já fostes algum dia espiar  
do alto do Engenho Trapuá?  
Fica na estrada de Nazaré,  
antes de Tracunhaém.  
Por um caminho à direita  
se vai ter a uma igreja  
que tem um mirante que está  
bem acima dos ombros das chãs.  
Com as lentes que o verão  
instala no ar da região  
muito se pode divisar  
do alto do Engenho Trapuá.

Se se olha para o oeste,  
onde começa o Agreste,  
se vê o algodão que exorbita  
sua cabeleira encardida,  
a mamona, de mais altura,  
que amadurece, feia e hirsuta,  
o abacaxi, entre sabres metálicos,  
o agave, às vezes fálico,  
a palmatória bem estruturada,  
e a mandioca sempre em parada  
na paisagem que o mato prolixo  
completa sem qualquer ritmo,  
e tudo entre cercas de avelós  
que mordem com leite feroz  
e ali estão, cão ou alcaide,  
para defesa da propriedade.

Se se olha para o nascente,  
se vê flora diferente.  
Só canaviais e suas crinas,  
e as canas longilíneas  
de cores claras e ácidas,  
femininas, aristocráticas,  
desfraldando ao sol completo  
seus líquidos exércitos,  
suas enchentes sem margem  
que inundaram já todas as vargens  
e vão agora ao assalto

dos restos de mata dos altos.

Porém se a flora varia  
segundo o lado que se espia,  
uma espécie há, sempre a mesma,  
de qualquer lado que esteja.  
É uma espécie bem estranha:  
tem algo de aparência humana,  
mas seu torpor de vegetal  
é mais da história natural.  
Estranhamente, no rebento  
cresce o ventre sem alimento,  
um ventre entretanto baldio  
que envolve só o vazio  
e que guardará somente ausência  
ainda durante a adolescência,  
quando ainda esse enorme abdome  
terá a proporção de sua fome.  
Esse ventre devoluto,  
depois, no indivíduo adulto,  
no adulto, mudará de aspecto:  
de côncavo se fará convexo  
e o que parecia fruta  
se fará palha absoluta.  
Apesar do pouco que vinga,  
não é uma espécie extinta  
e multiplica-se até regularmente.  
Mas é uma espécie indigente,  
é a planta mais franzina  
no ambiente de rapina,  
e como o coqueiro, consuntivo,  
é difícil na região seu cultivo.

São lentes de aproximação  
as que instala o verão  
no mirante do Engenho Trapuá.  
Tudo permitem divisar  
com a maior precisão:  
até uma espiga sem grão,  
até o grão de uma espiga,  
até no grão essa formiga  
de ar muito mais racional  
que o da estranha espécie local.

## Diálogo

*A J. P. Moreira da Fonseca*

- A — O canto da Andaluzia  
é agudo com seta  
no instante de disparar  
ainda mais aguda e reta.
- B — Mas quem atira essa seta  
de tão penetrante fio  
pensa que a faca melhor  
é a que recorta o vazio.
- A — É um canto em que se sente  
o que uma espada no frio,  
desembainhada, sem mesmo  
ter ferrugem como abrigo.
- B — Mas é espada que não corta  
e que somente se afia,  
que deserta se incendia  
em chama que arde sozinha.
- A — Tem alfinetes nas veias  
que nas veias se atropelam,  
tem mantas de carne viva  
cobrindo sua alma inteira.
- B — Mas o timbre desse canto  
que acende na própria alma  
o cantor da Andaluzia  
procura-o no puro nada,  
  
como à procura do nada  
é a luta também vazia  
entre o toureiro e o touro,  
vazia, embora precisa,  
  
em que se busca afiar  
em terrível parceria  
no fio agudo de facas

o fio frágil da vida.

A — Até o dia em que essa lâmina  
abandone seu deserto,  
encontre o avesso do nada,  
tenha enfim seu objeto.

Até o dia em que essa lâmina,  
essa agudeza desperta,  
ache, no avesso do nada,  
o uso que as facas completa.

Volta a Pernambuco

*A Benedito Coutinho*

Contemplando a maré baixa  
nos mangues do Tijipiô  
lembro a baía de Dublin  
que daqui já me lembrou.

Em meio à bacia negra  
desta maré quando em cio,  
eis a Albufera, Valência,  
onde o Recife me surgiu.

As janelas do cais da Aurora,  
olhos compridos, vadios,  
incansáveis, como em Chelsea,  
vêm rio substituir rio,

e essas várzeas de Tiuma  
com seus estendais de cana  
vêm devolver-me os trigais  
de Guadalajara, Espanha.

Mas as lajes da cidade  
não me devolvem só uma,  
nem foi uma só cidade  
que me lembrou destas ruas.

As cidades se parecem  
nas pedras do calçamento  
das ruas artérias regando  
faces de vário cimento,

por onde iguais procissões  
do trabalho, sem andor,  
vão levar o seu produto  
aos mercados do suor.

Todas lembravam o Recife,  
este em todas se situa,  
em todas em que é um crime

para o povo estar na rua,

em todas em que esse crime,  
traço comum que surpreendo,  
pôs nódoas de vida humana  
nas pedras do pavimento.

Outro rio: o Ebro

Vou quase sempre entre o gesso  
do esqueleto do animal  
que veio cair de sede  
nestas terras de Aragão.

O gesso também perece,  
não morde mais como a cal.  
Dir-se-ia que até a pedra  
morreu de sede e de sol.

Vou entre as estreitas hortas,  
fresco o lábio vegetal,  
do corredor tão estreito  
que a vida habita em Aragão,

entre casas extraviadas  
no deserto literal  
e que ao passar alinhavo  
com água de meu carretel,

entre vilas desmaiadas  
(hipnose de sol e azul)  
e aldeias de entranhas secas  
feitas do gesso geral

(sem que a água jamais reflita,  
água de cego cristal,  
as torres de barro opaco  
que o mouro abriu a cinzel).

Disponho de um leito largo  
como cama de casal,  
mas é pouco deste leito  
que cubro com meu lençol.

Pois assim mesmo tão fraco  
no duro chão mineral,  
só veia regando ainda  
curtido couro animal,

sou destas terras ossudas  
líquida espinha dorsal  
e até mesmo fui trincheira  
(quando do *front* de Aragão).

Duas paisagens

D'Ors em termos de mulher  
(Teresa, *La Ben Plantada*)  
descreveu da Catalunha  
a lucidez sábia e clássica

e aquela sóbria harmonia,  
aquela fácil medida  
que, sem régua e sem compasso,  
leva em si, funda e instintiva,

aprendida certamente  
no ritmo feminino  
de colinas e montanhas  
que lá têm seios medidos.

Em termos de uma mulher  
não se conta é Pernambuco:  
é um estado masculino  
e de ossos à mostra, duro,

de todos, o mais distinto  
de mulher ou prostituto,  
mesmo de mulher virago  
(como a Castilla de Burgos).

Lúcido não por cultura,  
medido, mas não por ciência:  
sua lucidez vem da fome  
e a medida, da carência,

e se for preciso um mito  
para bem representá-lo  
em vez de uma *Ben Plantada*  
use-se o Mal Adubado.

MORTE E VIDA SEVERINA  
(auto de Natal  
pernambucano)

(1954-1955)

## O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI

— O meu nome é Severino,  
não tenho outro de pia.  
Como há muitos Severinos,  
que é santo de romaria,  
deram então de me chamar  
Severino de Maria;  
como há muitos Severinos  
com mães chamadas Maria,  
fiquei sendo o da Maria  
do finado Zacarias.  
Mas isso ainda diz pouco:  
há muitos na freguesia,  
por causa de um coronel  
que se chamou Zacarias  
e que foi o mais antigo  
senhor desta sesmaria.  
Como então dizer quem fala  
ora a Vossas Senhorias?  
Vejamos: é o Severino  
da Maria do Zacarias,  
lá da serra da Costela,  
limites da Paraíba.  
Mas isso ainda diz pouco:  
se ao menos mais cinco havia  
com nome de Severino  
filhos de tantas Marias  
mulheres de outros tantos,  
já finados, Zacarias,  
vivendo na mesma serra  
magra e ossuda em que eu vivia.  
Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra,  
no mesmo ventre crescido  
sobre as mesmas pernas finas,  
e iguais também porque o sangue  
que usamos tem pouca tinta.  
E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,

de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida).  
Somos muitos Severinos  
iguais em tudo e na sina:  
a de abrandar estas pedras  
suando-se muito em cima,  
a de tentar despertar  
terra sempre mais extinta,  
a de querer arrancar  
algum roçado da cinza.  
Mas, para que me conheçam  
melhor Vossas Senhorias  
e melhor possam seguir  
a história de minha vida,  
passo a ser o Severino  
que em vossa presença emigra.

ENCONTRA DOIS HOMENS CARREGANDO UM DEFUNTO NUMA REDE,  
AOS GRITOS DE: “Ó IRMÃOS DAS ALMAS! IRMÃOS DAS ALMAS! NÃO  
FUI EU QUE MATEI NÃO!”

- A quem estais carregando,  
irmãos das almas,  
embrulhado nessa rede?  
dizei que eu saiba.
- A um defunto de nada,  
irmão das almas,  
que há muitas horas viaja  
à sua morada.
- E sabeis quem era ele,  
irmãos das almas,  
sabeis como ele se chama  
ou se chamava?
- Severino Lavrador,  
irmão das almas,  
Severino Lavrador,  
mas já não lavra.

- E de onde que o estais trazendo,  
irmãos das almas,  
onde foi que começou  
vossa jornada?
- Onde a Caatinga é mais seca,  
irmão das almas,  
onde uma terra que não dá  
nem planta brava.
- E foi morrida essa morte,  
irmãos das almas,  
essa foi morte morrida  
ou foi matada?
- Até que não foi morrida,  
irmão das almas,  
esta foi morte matada,  
numa emboscada.
- E o que guardava a emboscada,  
irmãos das almas,  
e com que foi que o mataram,  
com faca ou bala?
- Este foi morto de bala,  
irmão das almas,  
mais garantido é de bala,  
mais longe vara.
- E quem foi que o emboscou,  
irmãos das almas,  
quem contra ele soltou  
essa ave-bala?
- Ali é difícil dizer,  
irmão das almas,  
sempre há uma bala voando  
desocupada.
- E o que havia ele feito,  
irmãos das almas,  
e o que havia ele feito  
contra a tal pássara?
- Ter uns hectares de terra,  
irmão das almas,  
de pedra e areia lavada  
que cultivava.
- Mas que roças que ele tinha,  
irmãos das almas,  
que podia ele plantar  
na pedra avara?
- Nos magros lábios de areia,  
irmão das almas,

- dos intervalos das pedras,  
plantava palha.
- E era grande sua lavoura,  
irmãos das almas,  
lavoura de muitas covas,  
tão cobiçada?
- Tinha somente dez quadras,  
irmão das almas,  
todas nos ombros da serra,  
nenhuma várzea.
- Mas então por que o mataram,  
irmãos das almas,  
mas então por que o mataram  
com espingarda?
- Queria mais espalhar-se,  
irmão das almas,  
queria voar mais livre  
essa ave-bala.
- E agora o que passará,  
irmãos das almas,  
o que é que acontecerá  
contra a espingarda?
- Mais campo tem para soltar,  
irmão das almas,  
tem mais onde fazer voar  
as filhas-bala.
- E onde o levais a enterrar,  
irmãos das almas,  
com a semente do chumbo  
que tem guardada?
- Ao cemitério de Torres,  
irmão das almas,  
que hoje se diz Toritama,  
de madrugada.
- E poderei ajudar,  
irmãos das almas?  
Vou passar por Toritama,  
é minha estrada.
- Bem que poderá ajudar,  
irmão das almas,  
é irmão das almas quem ouve  
nossa chamada.
- E um de nós pode voltar,  
irmão das almas,  
pode voltar daqui mesmo  
para sua casa.

- Vou eu, que a viagem é longa,  
irmãos das almas,  
é muito longa a viagem  
e a serra é alta.
- Mais sorte tem o defunto,  
irmãos das almas,  
pois já não fará na volta  
a caminhada.
- Toritama não cai longe,  
irmão das almas,  
seremos no campo santo  
de madrugada.
- Partamos enquanto é noite,  
irmão das almas,  
que é o melhor lençol dos mortos  
noite fechada.

O RETIRANTE TEM MEDO DE SE EXTRAVIAR PORQUE SEU GUIA, O  
RIO CAPIBARIBE, CORTOU COM O VERÃO

- Antes de sair de casa  
aprendi a ladainha  
das vilas que vou passar  
na minha longa descida.  
Sei que há muitas vilas grandes,  
cidades que elas são ditas;  
sei que há simples arruados,  
sei que há vilas pequeninas,  
todas formando um rosário  
cujas contas fossem vilas,  
todas formando um rosário  
de que a estrada fosse a linha.  
Devo rezar tal rosário  
até o mar onde termina,  
saltando de conta em conta,  
passando de vila em vila.  
Vejo agora: não é fácil  
seguir essa ladainha;  
entre uma conta e outra conta,  
entre uma e outra ave-maria,  
há certas paragens brancas,

de planta e bicho vazias,  
vazias até de donos,  
e onde o pé se descaminha.  
Não desejo emaranhar  
o fio de minha linha  
nem que se enrede no pêlo  
hirsuto desta caatinga.  
Pensei que seguindo o rio  
eu jamais me perderia:  
ele é o caminho mais certo,  
de todos o melhor guia.  
Mas como segui-lo agora  
que interrompeu a descida?  
Vejo que o Capibaribe,  
como os rios lá de cima,  
é tão pobre que nem sempre  
pode cumprir sua sina  
e no verão também corta,  
com pernas que não caminham.  
Tenho de saber agora  
qual a verdadeira via  
entre essas que escancaradas  
frente a mim se multiplicam.  
Mas não vejo almas aqui,  
nem almas mortas nem vivas;  
ouço somente à distância  
o que parece cantoria.  
Será novena de santo,  
será algum mês-de-Maria;  
quem sabe até se uma festa  
ou uma dança não seria?

NA CASA A QUE O RETIRANTE CHEGA ESTÃO CANTANDO  
EXCELÊNCIAS PARA UM DEFUNTO, ENQUANTO UM HOMEM, DO  
LADO DE FORA, VAI PARODIANDO AS PALAVRAS DOS CANTADORES

- *Finado Severino,*  
*quando passares em Jordão*  
*e os demônios te atalharem*  
*perguntando o que é que levas...*  
— *Dize que levas cera,*

- capuz e cordão  
mais a Virgem da Conceição.*
- *Finado Severino,  
etc...*
- Dize que levas somente  
coisas de não:  
fome, sede, privação.
- *Finado Severino,  
etc...*
- Dize que coisas de não,  
ocas, leves:  
como o caixão, que ainda deves.
- *Uma excelência  
dizendo que a hora é hora.*
- *Ajunta os carregadores,  
que o corpo quer ir embora.*
- *Duas excelências...*
- ... dizendo é a hora da plantação.
- *Ajunta os carregadores...*
- ... que a terra vai colher a mão.

## CANSADO DA VIAGEM O RETIRANTE PENSA INTERROMPÊ-LA POR UNS INSTANTES E PROCURAR TRABALHO ALI ONDE SE ENCONTRA

- Desde que estou retirando  
só a morte vejo ativa,  
só a morte deparei  
e às vezes até festiva;  
só morte tem encontrado  
quem pensava encontrar vida,  
e o pouco que não foi morte  
foi de vida severina  
(aquela vida que é menos  
vivida que defendida,  
e é ainda mais severina  
para o homem que retira).  
Penso agora: mas por que  
parar aqui eu não podia  
e como o Capibaribe  
interromper minha linha?  
Ao menos até que as águas

de uma próxima invernia  
me levem direto ao mar  
ao refazer sua rotina?  
Na verdade, por uns tempos,  
parar aqui eu bem podia  
e retomar a viagem  
quando vencesse a fadiga.  
Ou será que aqui cortando  
agora a minha descida  
já não poderei seguir  
nunca mais em minha vida?  
(será que a água destes poços  
é toda aqui consumida  
pelas roças, pelos bichos,  
pelo sol com suas línguas?  
será que quando chegar  
o rio da nova invernia  
um resto da água do antigo  
sobrará nos poços ainda?)  
Mas isso depois verei:  
tempo há para que decida;  
primeiro é preciso achar  
um trabalho de que viva.  
Vejo uma mulher na janela,  
ali, que, se não é rica,  
parece remediada  
ou dona de sua vida:  
vou saber se de trabalho  
poderá me dar notícia.

DIRIGE-SE À MULHER NA JANELA, QUE DEPOIS DESCOBRE TRATAR-SE  
DE QUEM SE SABERÁ

- Muito bom dia, senhora,  
que nessa janela está;  
sabe dizer se é possível  
algum trabalho encontrar?
- Trabalho aqui nunca falta  
a quem sabe trabalhar;  
o que fazia o compadre  
na sua terra de lá?

- Pois fui sempre lavrador,  
lavrador de terra má;  
não há espécie de terra  
que eu não possa cultivar.
- Isso aqui de nada adianta,  
pouco existe o que lavar;  
mas diga-me, retirante,  
que mais fazia por lá?
- Também lá na minha terra  
de terra mesmo pouco há;  
mas até a calva da pedra  
sinto-me capaz de arar.
- Também de pouco adianta,  
nem pedra há aqui que amassar;  
diga-me ainda, compadre,  
que mais fazia por lá?
- Conheço todas as roças  
que nesta chã podem dar:  
o algodão, a mamona,  
a pita, o milho, o caroá.
- Esses roçados o banco  
já não quer financiar;  
mas diga-me, retirante,  
o que mais fazia lá?
- Melhor do que eu ninguém  
sabe combater, quiçá,  
tanta planta de rapina  
que tenho visto por cá.
- Essas plantas de rapina  
são tudo o que a terra dá;  
diga-me ainda, compadre,  
que mais fazia por lá?
- Tirei mandioca de chãs  
que o vento vive a esfolar  
e de outras escalavradas  
pela seca faça solar.
- Isto aqui não é Vitória,  
nem é Glória do Goitá;  
e além da terra, me diga,  
que mais sabe trabalhar?
- Sei também tratar de gado,  
entre urtigas pastorear:  
gado de comer do chão  
ou de comer ramos no ar.
- Aqui não é Surubim,  
nem Limoeiro, oxalá!

- Mas diga-me, retirante,  
que mais fazia por lá?
- Em qualquer das cinco tachas  
de um bangüê sei cozinhar;  
sei cuidar de uma moenda,  
de uma casa de purgar.
- Com a vinda das usinas  
há poucos engenhos já;  
nada mais o retirante  
aprendeu a fazer lá?
- Ali ninguém aprendeu  
outro ofício, ou aprenderá:  
mas o sol, de sol a sol,  
bem se aprende a suportar.
- Mas isso então será tudo  
em que sabe trabalhar?  
vamos, diga, retirante,  
outras coisas saberá.
- Deseja mesmo saber  
o que eu fazia por lá?  
comer quando havia o quê  
e, havendo ou não, trabalhar.
- Essa vida por aqui  
é coisa familiar;  
mas diga-me, retirante,  
sabe benditos rezar?  
sabe cantar excelências,  
defuntos encomendar?  
sabe tirar ladainhas,  
sabe mortos enterrar?
- Já velei muitos defuntos,  
na serra é coisa vulgar;  
mas nunca aprendi as rezas,  
sei somente acompanhar.
- Pois se o compadre soubesse  
rezar ou mesmo cantar,  
trabalhávamos a meias,  
que a freguesia bem dá.
- Agora se me permite  
minha vez de perguntar:  
como a senhora, comadre,  
pode manter o seu lar?
- Vou explicar rapidamente,  
logo compreenderá:  
como aqui a morte é tanta,  
vivo de a morte ajudar.

- E ainda se me permite  
que lhe volte a perguntar:  
é aqui uma profissão  
trabalho tão singular?
- É, sim, uma profissão,  
e a melhor de quantas há:  
sou de toda a região  
rezadora titular.
- E ainda se me permite  
mais outra vez indagar:  
é boa essa profissão  
em que a comadre ora está?
- De um raio de muitas léguas  
vem gente aqui me chamar;  
a verdade é que não pude  
queixar-me ainda de azar.
- E se pela última vez  
me permite perguntar:  
não existe outro trabalho  
para mim neste lugar?
- Como aqui a morte é tanta,  
só é possível trabalhar  
nessas profissões que fazem  
da morte ofício ou bazar.  
Imagine que outra gente  
de profissão similar,  
farmacêuticos, coveiros,  
doutor de anel no anular,  
remando contra a corrente  
da gente que baixa ao mar,  
retirantes às avessas,  
sobem do mar para cá.  
Só os roçados da morte  
compensam aqui cultivar,  
e cultivá-los é fácil:  
simples questão de plantar;  
não se precisa de limpa,  
de adubar nem de regar;  
as estiagens e as pragas  
fazem-nos mais prosperar;  
e dão lucro imediato;  
nem é preciso esperar  
pela colheita: recebe-se  
na hora mesma de semear.

O RETIRANTE CHEGA À ZONA DA MATA, QUE O FAZ PENSAR, OUTRA VEZ, EM INTERROMPER A VIAGEM

— Bem me diziam que a terra  
se faz mais branda e macia  
quanto mais do litoral  
a viagem se aproxima.  
Agora afinal cheguei  
nessa terra que diziam.  
Como ela é uma terra doce  
para os pés e para a vista.  
Os rios que correm aqui  
têm a água vitalícia.  
Cacimbas por todo lado;  
cavando o chão, água mina.  
Vejo agora que é verdade  
o que pensei ser mentira.  
Quem sabe se nesta terra  
não plantarei minha sina?  
Não tenho medo de terra  
(cavei pedra toda a vida),  
e para quem lutou a braço  
contra a piçarra da Caatinga  
será fácil amansar  
esta aqui, tão feminina.  
Mas não avisto ninguém,  
só folhas de cana fina;  
somente ali à distância  
aquele bueiro de usina;  
somente naquela várzea  
um bangüê velho em ruína.  
Por onde andaré a gente  
que tantas canas cultiva?  
Feriando: que nesta terra  
tão fácil, tão doce e rica,  
não é preciso trabalhar  
todas as horas do dia,  
os dias todos do mês,  
os meses todos da vida.  
Decerto a gente daqui  
jamais envelhece aos trinta  
nem sabe da morte em vida,  
vida em morte, severina;  
e aquele cemitério ali,  
branco na verde colina,  
decerto pouco funciona

e poucas covas aninha.

## ASSISTE AO ENTERRO DE UM TRABALHADOR DE EITO E OUVE O QUE DIZEM DO MORTO OS AMIGOS QUE O LEVARAM AO CEMITÉRIO

- Essa cova em que estás,  
com palmos medida,  
é a conta menor  
que tiraste em vida.
- É de bom tamanho,  
nem largo nem fundo,  
é a parte que te cabe  
deste latifúndio.
- Não é cova grande,  
é cova medida,  
é a terra que querias  
ver dividida.
- É uma cova grande  
para teu pouco defunto,  
mas estarás mais ancho  
que estavas no mundo.
- É uma cova grande  
para teu defunto parco,  
porém mais que no mundo  
te sentirás largo.
- É uma cova grande  
para tua carne pouca,  
mas a terra dada  
não se abre a boca.
- Viverás, e para sempre  
na terra que aqui aforas:  
e terás enfim tua roça.
- Aí ficarás para sempre,  
livre do sol e da chuva,  
criando tuas saúvas.
- Agora trabalharás  
só para ti, não a meias,  
como antes em terra alheia.
- Trabalharás uma terra  
da qual, além de senhor,  
serás homem de oito e trator.

- Trabalhando nessa terra,  
tu sozinho tudo empreitas:  
serás semente, adubo, colheita.
- Trabalharás numa terra  
que também te abriga e te veste:  
embora com o brim do Nordeste.
- Será de terra  
tua derradeira camisa:  
te veste, como nunca em vida.
- Será de terra  
e tua melhor camisa:  
te veste e ninguém cobiça.
- Terás de terra  
completo agora o teu fato:  
e pela primeira vez, sapato.
- Como és homem,  
a terra te dará chapéu:  
fosses mulher, xale ou véu.
- Tua roupa melhor  
será de terra e não de fazenda:  
não se rasga nem se remenda.
- Tua roupa melhor  
e te ficará bem cingida:  
como roupa feita à medida.
- Esse chão te é bem conhecido  
(bebeu teu suor vendido).
- Esse chão te é bem conhecido  
(bebeu o moço antigo).
- Esse chão te é bem conhecido  
(bebeu tua força de marido).
- Desse chão és bem conhecido  
(através de parentes e amigos).
- Desse chão és bem conhecido  
(vive com tua mulher, teus filhos).
- Desse chão és bem conhecido  
(te espera de recém-nascido).
- Não tens mais força contigo:  
deixas-te semear ao comprido.
- Já não levas semente viva:  
teu corpo é a própria maniva.
- Não levas rebolo de cana:  
és o rebolo, e não de caiana.
- Não levas semente na mão:  
és agora o próprio grão.
- Já não tens força na perna:  
deixas-te semear na coveta.

- Já não tens força na mão:  
deixas-te semear no leirão.
- Dentro da rede não vinha nada,  
só tua espiga debulhada.
- Dentro da rede vinha tudo,  
só tua espiga no sabugo.
- Dentro da rede coisa vasqueira,  
só a maçaroca banguela.
- Dentro da rede coisa pouca,  
tua vida que deu sem soca.
- Na mão direita um rosário,  
milho negro e ressecado.
- Na mão direita somente  
o rosário, seca semente.
- Na mão direita, de cinza,  
o rosário, semente maninha.
- Na mão direita o rosário,  
semente inerte e sem salto.
- Despido vieste no caixão,  
despido também se enterra o grão.
- De tanto te despiu a privação  
que escapou de teu peito a viração.
- Tanta coisa despiste em vida  
que fugiu de teu peito a brisa.
- E agora, se abre o chão e te abriga,  
lençol que não tiveste em vida.
- Se abre o chão e te fecha,  
dando-te agora cama e coberta.
- Se abre o chão e te envolve,  
como mulher com quem se dorme.

## O RETIRANTE RESOLVE APRESSAR OS PASSOS PARA CHEGAR LOGO AO RECIFE

- Nunca esperei muita coisa,  
digo a Vossas Senhorias.  
O que me fez retirar  
não foi a grande cobiça;  
o que apenas busquei  
foi defender minha vida  
da tal velhice que chega

antes de se inteirar trinta;  
se na serra vivi vinte,  
se alcancei lá tal medida,  
o que pensei, retirando,  
foi estendê-la um pouco ainda.  
Mas não senti diferença  
entre o Agreste e a Caatinga,  
e entre a Caatinga e aqui a Mata  
a diferença é a mais mínima.  
Está apenas em que a terra  
é por aqui mais macia;  
está apenas no pavio,  
ou melhor, na lamparina:  
pois é igual o querosene  
que em toda parte ilumina,  
e quer nesta terra gorda,  
quer na serra, de calíça,  
a vida arde sempre com  
a mesma chama mortíça.  
Agora é que compreendo  
por que em paragens tão ricas  
o rio não corta em poços  
como ele faz na Caatinga:  
vive a fugir dos remansos  
a que a paisagem o convida,  
com medo de se deter,  
grande que seja a fadiga.  
Sim, o melhor é apressar  
o fim desta ladainha,  
fim do rosário de nomes  
que a linha do rio enfia;  
é chegar logo ao Recife,  
derradeira ave-maria  
do rosário, derradeira  
invocação da ladainha,  
Recife, onde o rio some  
e esta minha viagem se fina.

**CHEGANDO AO RECIFE, O RETIRANTE SENTA-SE PARA DESCANSAR AO  
PÉ DE UM MURO ALTO E CAIADO E OUVE, SEM SER NOTADO, A  
CONVERSA DE DOIS COVEIROS**

- O dia de hoje está difícil;  
não sei onde vamos parar.  
Deviam dar um aumento,  
ao menos aos deste setor de cá.  
As avenidas do centro são melhores,  
mas são para os protegidos:  
há sempre menos trabalho  
e gorjetas pelo serviço;  
e é mais numeroso o pessoal  
(toma mais tempo enterrar os ricos).
- Pois eu me daria por contente  
se me mandassem para cá.  
Se trabalhasses no de Casa Amarela  
não estarias a reclamar.  
De trabalhar no de Santo Amaro  
deve alegrar-se o colega  
porque parece que a gente  
que se enterra no de Casa Amarela  
está decidida a mudar-se  
toda para debaixo da terra.
- É que o colega ainda não viu  
o movimento: não é o que vê.  
Fique-se por aí um momento  
e não tardarão a aparecer  
os defuntos que ainda hoje  
vão chegar (ou partir, não sei).  
As avenidas do centro,  
onde se enterram os ricos,  
são como o porto do mar;  
não é muito ali o serviço:  
no máximo um transatlântico  
chega ali cada dia,  
com muita pompa, protocolo,  
e ainda mais cenografia.  
Mas este setor de cá  
é como a estação dos trens:  
diversas vezes por dia  
chega o comboio de alguém.
- Mas se teu setor é comparado  
à estação central dos trens,  
o que dizer de Casa Amarela  
onde não pára o vaivém?  
Pode ser uma estação,  
mas não estação de trem:  
será parada de ônibus,  
com filas de mais de cem.

- Então por que não pedes,  
já que és de carreira, e antigo,  
que te mandem para Santo Amaro  
se achas mais leve o serviço?  
Não creio que te mandassem  
para as belas avenidas  
onde estão os endereços  
e o bairro da gente fina:  
isto é, para o bairro dos usineiros,  
dos políticos, dos banqueiros,  
e, no tempo antigo, dos bangüezeiros  
(hoje estes se enterram em carneiros);  
bairro também dos industriais,  
dos membros das associações patronais  
e dos que foram mais horizontais  
nas profissões liberais.  
Difícil é que consigas  
aquele bairro, logo de saída.
- Só pedi que me mandassem  
para as urbanizações discretas,  
com seus quarteirões apertados,  
com suas cômodas de pedra.
- Esse é o bairro dos funcionários,  
inclusive  
extranumerários,  
contratados e mensalistas  
(menos os tarefeiros e diaristas).  
Para lá vão os jornalistas,  
os escritores, os artistas;  
ali vão também os bancários,  
as altas patentes dos comerciários,  
os lojistas, os boticários,  
os localizados aeroviários  
e os de profissões liberais  
que não se liberaram jamais.
- Também um bairro dessa gente  
temos no de Casa Amarela:  
cada um em seu escaninho,  
cada um em sua gaveta,  
com o nome aberto na lousa  
quase sempre em letras pretas.  
Raras as letras douradas,  
raras também as gorjetas.
- Gorjetas aqui, também,  
só dá mesmo a gente rica,  
em cujo bairro não se pode

- trabalhar em mangas de camisa;  
onde se exige quepe  
e farda engomada e limpa.
- Mas não foi pelas gorjetas, não,  
que vim pedir remoção:  
é porque tem menos trabalho  
que quero vir para Santo Amaro;  
aqui ao menos há mais gente  
para atender a freguesia,  
para botar a caixa cheia  
dentro da caixa vazia.
- E que disse o Administrador,  
se é que te deu ouvido?
- Que quando apareça a ocasião  
atenderá meu pedido.
- E do senhor Administrador  
isso foi tudo que arrancaste?
- No de Casa Amarela me deixou,  
mas me mudou de arrabalde.
- E onde vais trabalhar agora,  
qual o subúrbio que te cabe?
- Passo para o dos industriários,  
que é também o dos ferroviários,  
de todos os rodoviários  
e praças-de-pré dos comerciários.
- Passas para o dos operários,  
deixas o dos pobres vários;  
melhor: não são tão contagiosos  
e são muito menos numerosos.
- É, deixo o subúrbio dos indigentes,  
onde se enterra toda essa gente  
que o rio afoga na preamar  
e sufoca na baixa-mar.
- É a gente sem instituto,  
gente de braços devolutos;  
são os que jamais usam luto  
e se enterram sem salvo-conduto.
- É a gente dos enterros gratuitos  
e dos defuntos ininterruptos.
- É a gente retirante  
que vem do Sertão de longe.
- Desenrolam todo o barbante  
e chegam aqui na jante.
- E que então, ao chegar,  
não têm mais o que esperar.
- Não podem continuar

- pois têm pela frente o mar.
- Não têm onde trabalhar  
e muito menos onde morar.
  - E da maneira em que está  
não vão ter onde se enterrar.
  - Eu também, antigamente,  
fui do subúrbio dos indigentes,  
e uma coisa notei  
que jamais entenderei:  
essa gente do Sertão  
que desce para o litoral, sem razão,  
fica vivendo no meio da lama,  
comendo os siris que apanha;  
pois bem: quando sua morte chega,  
temos de enterrá-los em terra seca.
  - Na verdade, seria mais rápido  
e também muito mais barato  
que os sacudissem de qualquer ponte  
dentro do rio e da morte.
  - O rio daria a mortalha  
e até um macio caixão de água;  
e também o acompanhamento  
que levaria com passo lento  
o defunto ao enterro final  
a ser feito no mar de sal.
  - E não precisava dinheiro,  
e não precisava coveiro,  
e não precisava oração,  
e não precisava inscrição.
  - Mas o que se vê não é isso:  
é sempre nosso serviço  
crescendo mais cada dia;  
morre gente que nem vivia.
  - E esse povo lá de riba  
de Pernambuco, da Paraíba,  
que vem buscar no Recife  
poder morrer de velhice,  
encontra só, aqui chegando,  
cemitérios esperando.
  - Não é viagem o que fazem,  
vindo por essas caatingas, vargens;  
aí está o seu erro:  
vêm é seguindo seu próprio enterro.

## O RETIRANTE APROXIMA-SE DE UM DOS CAIS DO CAPIBARIBE

— Nunca esperei muita coisa,  
é preciso que eu repita.  
Sabia que no rosário  
de cidades e de vilas,  
e mesmo aqui no Recife  
ao acabar minha descida,  
não seria diferente  
a vida de cada dia:  
que sempre pás e enxadas  
foices de corte e capina,  
ferros de cova, estrovengas  
o meu braço esperariam.  
Mas que se este não mudasse  
seu uso de toda vida,  
esperei, devo dizer,  
que ao menos aumentaria  
na quartinha, a água pouca,  
dentro da cuia, a farinha,  
o algodãozinho da camisa,  
ou meu aluguel com a vida.  
E chegando, aprendo que,  
nessa viagem que eu fazia,  
sem saber desde o Sertão,  
meu próprio enterro eu seguia.  
Só que devo ter chegado  
adiantado de uns dias;  
o enterro espera na porta:  
o morto ainda está com vida.  
A solução é apressar  
a morte a que se decida  
e pedir a este rio,  
que vem também lá de cima,  
que me faça aquele enterro  
que o coveiro descrevia:  
caixão macio de lama,  
mortalha macia e líquida,  
coroas de baronesa  
junto com flores de aninga,  
e aquele acompanhamento  
de água que sempre desfila  
(que o rio, aqui no Recife,  
não seca, vai toda a vida).

APROXIMA-SE DO RETIRANTE O MORADOR DE UM DOS MOCAMBOS  
QUE EXISTEM ENTRE O CAIS E A ÁGUA DO RIO

- Seu José, mestre carpina,  
que habita este lamaçal,  
sabe me dizer se o rio  
a esta altura dá vau?  
sabe me dizer se é funda  
esta água grossa e carnal?
- Severino, retirante,  
jamais o cruzei a nado;  
quando a maré está cheia  
vejo passar muitos barcos,  
barcaças, alvarengas,  
muitas de grande calado.
- Seu José, mestre carpina,  
para cobrir corpo de homem  
não é preciso muita água:  
basta que chegue ao abdome,  
basta que tenha fundura  
igual à de sua fome.
- Severino, retirante,  
pois não sei o que lhe conte;  
sempre que cruzo este rio  
costumo tomar a ponte;  
quanto ao vazio do estômago,  
se cruza quando se come.
- Seu José, mestre carpina,  
e quando ponte não há?  
quando os vazios da fome  
não se tem com que cruzar?  
quando esses rios sem água  
são grandes braços de mar?
- Severino, retirante,  
o meu amigo é bem moço;  
sei que a miséria é mar largo,  
não é como qualquer poço:  
mas sei que para cruzá-la  
vale bem qualquer esforço.
- Seu José, mestre carpina,  
e quando é fundo o perau?  
quando a força que morreu  
nem tem onde se enterrar,  
por que ao puxão das águas  
não é melhor se entregar?
- Severino, retirante,

o mar de nossa conversa  
precisa ser combatido,  
sempre, de qualquer maneira,  
porque senão ele alaga  
e devasta a terra inteira.

- Seu José, mestre carpina,  
e em que nos faz diferença  
que como frieira se alastre,  
ou como rio na cheia,  
se acabamos naufragados  
num braço do mar miséria?
- Severino, retirante,  
muita diferença faz  
entre lutar com as mãos  
e abandoná-las para trás,  
porque ao menos esse mar  
não pode adiantar-se mais.
- Seu José, mestre carpina,  
e que diferença faz  
que esse oceano vazio  
cresça ou não seus cabedais,  
se nenhuma ponte mesmo  
é de vencê-lo capaz?  
Seu José, mestre carpina,  
que lhe pergunte permita:  
há muito no lamaçal  
apodrece a sua vida?  
e a vida que tem vivido  
foi sempre comprada à vista?
- Severino, retirante,  
sou de Nazaré da Mata,  
mas tanto lá como aqui  
jamais me fiaram nada:  
a vida de cada dia  
cada dia hei de comprá-la.
- Seu José, mestre carpina,  
e que interesse, me diga,  
há nessa vida a retalho  
que é cada dia adquirida?  
espera poder um dia  
comprá-la em grandes partidas?
- Severino, retirante,  
não sei bem o que lhe diga:  
não é que espere comprar  
em grosso de tais partidas,  
mas o que compro a retalho

- é, de qualquer forma, vida.  
— Seu José, mestre carpina,  
que diferença faria  
se em vez de continuar  
tomasse a melhor saída:  
a de saltar, numa noite,  
fora da ponte e da vida?

### UMA MULHER, DA PORTA DE ONDE SAIU O HOMEM, ANUNCIA-LHE O QUE SE VERÁ

- Compadre José, compadre,  
que na relva estais deitado:  
conversais e não sabeis  
que vosso filho é chegado?  
Estais aí conversando  
em vossa prosa entretida:  
não sabeis que vosso filho  
saltou para dentro da vida?  
Saltou para dentro da vida  
ao dar seu primeiro grito;  
e estais aí conversando;  
pois sabeis que ele é nascido.

### APARECEM E SE APROXIMAM DA CASA DO HOMEM VIZINHOS, AMIGOS, DUAS CIGANAS ETC.

- Todo o céu e a terra  
lhe cantam louvor.  
Foi por ele que a maré  
esta noite não baixou.  
— Foi por ele que a maré  
fez parar o seu motor:  
a lama ficou coberta  
e o mau-cheiro não voou.  
— E a alfazema do sargaço,  
ácida, desinfetante,

- veio varrer nossas ruas  
enviada do mar distante.
- E a língua seca de esponja  
que tem o vento terral  
veio enxugar a umidade  
do encharcado lamaçal.
- Todo o céu e a terra  
lhe cantam louvor  
e cada casa se torna  
num mocambo sedutor.
- Cada casebre se torna  
no mocambo modelar  
que tanto celebram os  
sociólogos do lugar.
- E a banda de maruins  
que toda noite se ouvia  
por causa dele, esta noite,  
creio que não irradia.
- E este rio de água cega,  
ou baça, de comer terra,  
que jamais espelha o céu,  
hoje enfeitou-se de estrelas.

## COMEÇAM A CHEGAR PESSOAS TRAZENDO PRESENTES PARA O RECÉM-NASCIDO

- Minha pobreza tal é  
que não trago presente grande:  
trago para a mãe caranguejos  
pescados por esses mangues;  
mamando leite de lama  
conservará nosso sangue.
- Minha pobreza tal é  
que coisa não posso ofertar:  
somente o leite que tenho  
para meu filho amamentar;  
aqui são todos irmãos,  
de leite, de lama, de ar.
- Minha pobreza tal é  
que não tenho presente melhor:  
trago papel de jornal

- para lhe servir de cobertor;  
cobrindo-se assim de letras  
vai um dia ser doutor.
- Minha pobreza tal é  
que não tenho presente caro:  
como não posso trazer  
um olho d'água de Lagoa do Carro,  
trago aqui água de Olinda,  
água da bica do Rosário.
- Minha pobreza tal é  
que grande coisa não trago:  
trago este canário da terra  
que canta corrido e de estalo.
- Minha pobreza tal é  
que minha oferta não é rica:  
trago daquela bolacha d'água  
que só em Paudalho se fabrica.
- Minha pobreza tal é  
que melhor presente não tem:  
dou este boneco de barro  
de Severino de Tracunhaém.
- Minha pobreza tal é  
que pouco tenho o que dar:  
dou da pitu que o pintor Monteiro  
fabricava em Gravatá.
- Trago abacaxi de Goiana  
e de todo o estado rolete de cana.
- Eis ostras chegadas agora,  
apanhadas no cais da Aurora.
- Eis tamarindos da Jaqueira  
e jaca da Tamarineira.
- Mangabas do Cajueiro  
e cajus da Mangabeira.
- Peixe pescado no Passarinho,  
carne de boi dos Peixinhos.
- Siris apanhados no lamaçal  
que há no avesso da rua Imperial.
- Mangas compradas nos quintais ricos  
do Espinheiro e dos Aflitos.
- Goiãmins dados pela gente pobre  
da Avenida Sul e da Avenida Norte.

## FALAM AS DUAS CIGANAS QUE HAVIAM APARECIDO COM OS VIZINHOS

- Atenção peço, senhores,  
para esta breve leitura:  
somos ciganas do Egito,  
lemos a sorte futura.  
Vou dizer todas as coisas  
que desde já posso ver  
na vida desse menino  
acabado de nascer:  
aprenderá a engatinhar  
por aí, com aratus,  
aprenderá a caminhar  
na lama, com goiamuns,  
e a correr o ensinarão  
os anfíbios caranguejos,  
pelo que será anfíbio  
como a gente daqui mesmo.  
Cedo aprenderá a caçar:  
primeiro, com as galinhas,  
que é catando pelo chão  
tudo o que cheira a comida;  
depois, aprenderá com  
outras espécies de bichos:  
com os porcos nos monturos,  
com os cachorros no lixo.  
Vejo-o, uns anos mais tarde,  
na ilha do Maruim,  
vestido negro de lama,  
voltar de pescar siris;  
e vejo-o, ainda maior,  
pelo imenso lamarão  
fazendo dos dedos iscas  
para pescar camarão.
- Atenção peço, senhores,  
também para minha leitura:  
também venho dos Egitos,  
vou completar a figura.  
Outras coisas que estou vendo  
é necessário que eu diga:  
não ficará a pescar  
de jereré toda a vida.  
Minha amiga se esqueceu  
de dizer todas as linhas;  
não pensem que a vida dele

há de ser sempre daninha.  
Enxergo daqui a planura  
que é a vida do homem de ofício,  
bem mais sadia que os mangues,  
tenha embora precipícios.  
Não o vejo dentro dos mangues,  
vejo-o dentro de uma fábrica:  
se está negro não é lama,  
é graxa de sua máquina,  
coisa mais limpa que a lama  
do pescador de maré  
que vemos aqui, vestido  
de lama da cara ao pé.  
E mais: para que não pensem  
que em sua vida tudo é triste,  
vejo coisa que o trabalho  
talvez até lhe conquiste:  
que é mudar-se destes mangues  
daqui do Capibaribe  
para um mocambo melhor  
nos mangues do Beberibe.

#### FALAM OS VIZINHOS, AMIGOS, PESSOAS QUE VIERAM COM PRESENTES ETC.

- De sua formosura  
já venho dizer:  
é um menino magro,  
de muito peso não é,  
mas tem o peso de homem,  
de obra de ventre de mulher.
- De sua formosura  
deixai-me que diga:  
é uma criança pálida,  
é uma criança franzina,  
mas tem a marca de homem,  
marca de humana oficina.
- Sua formosura  
deixai-me que cante:  
é um menino guenzo  
como todos os desses mangues,

- mas a máquina de homem  
já bate nele, incessante.
- Sua formosura  
eis aqui descrita:  
é uma criança pequena,  
enclenque e setemesinha,  
mas as mãos que criam coisas  
nas suas já se adivinha.
  - De sua formosura  
deixai-me que diga:  
é belo como o coqueiro  
que vence a areia marinha.
  - De sua formosura  
deixai-me que diga:  
belo como o avelós  
contra o Agreste de cinza.
  - De sua formosura  
deixai-me que diga:  
belo como a palmatória  
na caatinga sem saliva.
  - De sua formosura  
deixai-me que diga:  
é tão belo como um sim  
numa sala negativa.
  - É tão belo como a soca  
que o canalial multiplica.
  - Belo porque é uma porta  
abrindo-se em mais saídas.
  - Belo como a última onda  
que o fim do mar sempre adia.
  - E tão belo como as ondas  
em sua adição infinita.
  - Belo porque tem do novo  
a surpresa e a alegria.
  - Belo como a coisa nova  
na prateleira até então vazia.
  - Como qualquer coisa nova  
inaugurando o seu dia.
  - Ou como o caderno novo  
quando a gente o principia.
  - E belo porque com o novo  
todo o velho contagia.
  - Belo porque corrompe  
com sangue novo a anemia.
  - Infeciona a miséria  
com vida nova e sadia.

— Com oásis, o deserto,  
com ventos, a calmaria.

O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA, SEM  
TOMAR PARTE EM NADA

— Severino, retirante,  
deixe agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar  
fora da ponte e da vida;  
nem conheço essa resposta,  
se quer mesmo que lhe diga;  
é difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina;  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia,  
ela, a vida, a respondeu  
com sua presença viva.  
E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina.

UMA FACA SÓ LÂMINA  
(ou: serventia das  
idéias fixas)

(1955)

*Para Vinicius de Moraes*

*Assim como uma bala  
enterrada no corpo,  
fazendo mais espesso  
um dos lados do morto;*

*assim como uma bala  
do chumbo mais pesado,  
no músculo de um homem  
pesando-o mais de um lado;*

*qual bala que tivesse  
um vivo mecanismo,  
bala que possuísse  
um coração ativo*

*igual ao de um relógio  
submerso em algum corpo,  
ao de um relógio vivo  
e também revoltoso,*

*relógio que tivesse  
o gume de uma faca  
e toda a impiedade  
de lâmina azulada;*

*assim como uma faca  
que sem bolso ou bainha  
se transformasse em parte  
de vossa anatomia;*

*qual uma faca íntima  
ou faca de uso interno,  
habitando num corpo  
como o próprio esqueleto*

*de um homem que o tivesse,  
e sempre, doloroso,*

*de homem que se ferisse  
contra seus próprios ossos.*

A

Seja bala, relógio,  
ou a lâmina colérica,  
é contudo uma ausência  
o que esse homem leva.

Mas o que não está  
nele está como bala:  
tem o ferro do chumbo,  
mesma fibra compacta.

Isso que não está  
nele é como um relógio  
pulsando em sua gaiola,  
sem fadiga, sem ócios.

Isso que não está  
nele está como a ciosa  
presença de uma faca,  
de qualquer faca nova.

Por isso é que o melhor  
dos símbolos usados  
é a lâmina cruel  
(melhor se de Pasmado):

porque nenhum indica  
essa ausência tão ávida  
como a imagem da faca  
que só tivesse lâmina,

nenhum melhor indica  
aquela ausência sôfrega  
que a imagem de uma faca  
reduzida à sua boca,

que a imagem de uma faca  
entregue inteiramente  
à fome pelas coisas  
que nas facas se sente.

B

Das mais surpreendentes  
é a vida de tal faca:  
faca, ou qualquer metáfora,  
pode ser cultivada.

E mais surpreendente  
ainda é sua cultura:  
medra não do que come  
porém do que jejua.

Podes abandoná-la,  
essa faca intestinal:  
jamaiz a encontrarás  
com a boca vazia.

Do nada ela destila  
a azia e o vinagre  
e mais estratégias  
privativos dos sabres.

E como faca que é,  
fervorosa e enérgica,  
sem ajuda dispara  
sua máquina perversa:

a lâmina despida  
que cresce ao se gastar,  
que quanto menos dorme  
quanto menos sono há,

cujo muito cortar  
lhe aumenta mais o corte  
e vive a se parir  
em outras, como fonte.

(Que a vida dessa faca  
se mede pelo avesso:  
seja relógio ou bala,  
ou seja a faca mesmo.)

C

Cuidado com o objeto,  
com o objeto cuidado,

mesmo sendo uma bala  
desse chumbo ferrado,

porque seus dentes já  
a bala os traz rombudos  
e com facilidade  
se embotam mais no músculo.

Mais cuidado porém  
quando for um relógio  
com o seu coração  
aceso e espasmódico.

É preciso cuidado  
por que não se acomosse  
o pulso do relógio  
com o pulso do sangue,

e seu cobre tão nítido  
não confunda a passada  
com o sangue que bate  
já sem morder mais nada.

Então se for a faca,  
maior seja o cuidado:  
a bainha do corpo  
pode absorver o aço.

Também seu corte às vezes  
tende a tornar-se rouco  
e há casos em que ferros  
degeneram em couro.

O importante é que a faca  
o seu ardor não perca  
e tampouco a corrompa  
o cabo de madeira.

D  
Pois essa faca às vezes  
por si mesma se apaga.  
É a isso que se chama  
maré-baixa da faca.

Talvez que não se apague  
e somente adormeça.  
Se a imagem é relógio,  
a sua abelha cessa.

Mas quer durma ou se apague:  
ao calar tal motor,  
a alma inteira se torna  
de um alcalino teor

bem semelhante à neutra  
substância, quase feltro,  
que é a das almas que não  
têm facas-esqueleto.

E a espada dessa lâmina,  
sua chama antes acesa,  
e o relógio nervoso  
e a tal bala indigesta,

tudo segue o processo  
de lâmina que cega:  
faz-se faca, relógio  
ou bala de madeira,

bala de couro ou pano,  
ou relógio de breu,  
faz-se faca sem vértebras,  
faca de argila ou mel.

(Porém quando a maré  
já nem se espera mais,  
eis que a faca ressurgue  
com todos seus cristais.)

E  
Forçoso é conservar  
a faca bem oculta,  
pois na umidade pouco  
seu relâmpago dura

(na umidade que criam  
salivas de conversas,  
tanto mais pegajosas

quanto mais confidências).

Forçoso é esse cuidado  
mesmo se não é faca  
a brasa que te habita  
e sim, relógio ou bala.

Não suportam também  
todas as atmosferas:  
sua carne selvagem  
quer câmaras severas.

Mas se deves sacá-los  
para melhor sofrê-los,  
que seja em algum páramo  
ou agreste de ar aberto.

Mas nunca seja ao ar  
que pássaros habitem.  
Deve ser a um ar duro,  
sem sombra e sem vertigem.

E nunca seja à noite,  
que esta tem as mãos férteis.  
Aos ácidos do sol  
seja, ao sol do Nordeste,

à febre desse sol  
que faz de arame as ervas,  
que faz de esponja o vento  
e faz de sede a terra.

F  
Quer seja aquela bala  
ou outra qualquer imagem,  
seja mesmo um relógio  
a ferida que guarde,

ou ainda uma faca  
que só tivesse lâmina,  
de todas as imagens  
a mais voraz e gráfica,

ninguém do próprio corpo

poderá retirá-la,  
não importa se é bala  
nem se é relógio ou faca,

nem importa qual seja  
a raça dessa lâmina:  
faca mansa de mesa,  
feroz pernambucana.

E se não a retira  
quem sofre sua rapina,  
menos pode arrancá-la  
nenhuma mão vizinha.

Não pode contra ela  
a inteira medicina  
de facas numerais  
e aritméticas pinças.

Nem ainda a polícia  
com seus cirurgiões  
e até nem mesmo o tempo  
com os seus algodões.

E nem a mão de quem  
sem o saber plantou  
bala, relógio ou faca,  
imagens de furor.

G  
Essa bala que um homem  
leva às vezes na carne  
faz menos rarefeito  
todo aquele que a guarde.

O que um relógio implica  
por indócil e inseto  
encerrado no corpo  
faz este mais desperto.

E se é faca a metáfora  
do que leva no músculo,  
facas dentro de um homem  
dão-lhe maior impulso.

O fio de uma faca  
mordendo o corpo humano  
de outro corpo ou punhal  
tal corpo vai armando,

pois lhe mantendo vivas  
todas as molas da alma  
dá-lhes ímpeto de lâmina  
e cio de arma branca,

além de ter o corpo  
que a guarda crispado,  
insolúvel no sono  
e em tudo quanto é vago,

como naquela história  
por alguém referida  
de um homem que se fez  
memória tão ativa

que pôde conservar  
treze anos na palma  
o peso de uma mão,  
feminina, apertada.

H  
Quando aquele que os sofre  
trabalha com palavras,  
são úteis o relógio,  
a bala e, mais, a faca.

Os homens que em geral  
lidam nessa oficina  
têm no almoxarifado  
só palavras extintas:

umas que se asfixiam  
por debaixo do pé,  
outras despercebidas  
em meio a grandes nós;

palavras que perderam  
no uso todo o metal  
e a areia que detêm

a atenção que lê mal.

Pois somente essa faca  
dará a tal operário  
olhos mais frescos para  
o seu vocabulário

e somente essa faca  
e o exemplo de seu dente  
lhe ensinará a obter  
de um material doente

o que em todas as facas  
é a melhor qualidade:  
a agudeza feroz,  
certa eletricidade,

mais a violência limpa  
que elas têm, tão exatas,  
o gosto do deserto,  
o estilo das facas.

I

Essa lâmina adversa,  
como o relógio ou a bala,  
se torna mais alerta  
todo aquele que a guarda,

sabe acordar também  
os objetos em torno  
e até os próprios líquidos  
podem adquirir ossos.

E tudo o que era vago,  
toda frouxa matéria,  
para quem sofre a faca  
ganha nervos, arestas.

Em volta tudo ganha  
a vida mais intensa,  
com nitidez de agulha  
e presença de vespa.

Em cada coisa o lado

que corta se revela,  
e elas que pareciam  
redondas como a cera

despem-se agora do  
caloso da rotina,  
pondo-se a funcionar  
com todas suas quinas.

Pois entre tantas coisas  
que também já não dormem,  
o homem a quem a faca  
corta e empresta seu corte,

sofrendo aquela lâmina  
e seu jato tão frio,  
passa, lúcido e insone,  
vai fio contra fios.

•

*De volta dessa faca,  
amiga ou inimiga,  
que mais condensa o homem  
quanto mais o mastiga;*

*de volta dessa faca  
de porte tão secreto  
que deve ser levada  
como o oculto esqueleto;*

*da imagem em que mais  
me detive, a da lâmina,  
porque é de todas elas  
certamente a mais ávida;*

*pois de volta da faca  
se sobe à outra imagem,  
àquela de um relógio  
picando sob a carne,*

*e dela àquela outra,  
a primeira, a da bala,  
que tem o dente grosso*

*porém forte a dentada*

*e daí à lembrança  
que vestiu tais imagens  
e é muito mais intensa  
do que pôde a linguagem,*

*e afinal à presença  
da realidade, prima,  
que gerou a lembrança  
e ainda a gera, ainda,*

*por fim à realidade,  
prima, e tão violenta  
que ao tentar apreendê-la  
toda imagem rebenta.*

## APÊNDICES

## Cronologia

1920 – Filho de Luiz Antônio Cabral de Melo e de Carmem Carneiro Leão Cabral de Melo, nasce, no Recife, João Cabral de Melo Neto.

1930 – Depois de passar a infância nos municípios de São Lourenço da Mata e Moreno, volta para o Recife.

1935 – Obtém destaque no time juvenil de futebol do Santa Cruz Futebol Clube. Logo, porém, abandona a carreira de atleta.

1942 – Em edição particular, publica seu primeiro livro, *Pedra do sono*.

1945 – Publica *O engenheiro*. No mesmo ano, ingressa no Itamaraty.

1947 – Muda-se, a serviço do Itamaraty, para Barcelona, lugar decisivo para a sua obra. Compra uma tipografia manual e imprime, desde então, textos de autores brasileiros e espanhóis. Nesse mesmo ano trava contato com os espanhóis Joan Brossa e Antoni Tàpies.

1950 – Publica *O cão sem plumas*. Em Barcelona, as Editions de l'Oc publicam o ensaio *Joan Miró*, com gravuras originais do pintor. O Itamaraty o transfere para Londres.

1952 – Sai no Brasil, em edição dos *Cadernos de cultura do MEC*, o ensaio *Joan Miró*. É acusado de subversão e retorna ao Brasil.

1953 – O inquérito é arquivado.

1954 – *O rio*, redigido no ano anterior, recebe o Prêmio José de Anchieta, concedido pela Comissão do IV Centenário de São Paulo, que também imprime uma edição do texto. A Editora Orfeu publica uma edição de seus *Poemas reunidos*. Retorna às funções diplomáticas.

1955 – Recebe, da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Olavo Bilac.

1956 – Sai, pela Editora José Olympio, *Dois águas*. Além dos livros anteriores, o volume contém *Paisagens com figuras*, *Uma faca só lâmina* e *Morte e vida severina*. Volta a residir na Espanha.

1958 – É transferido para Marselha, França.

1960 – Em Lisboa, publica *Quaderna* e, em Madri, *Dois parlamentos*. Retorna para a Espanha, trabalhando agora em Madri.

1961 – Reunindo *Quaderna* e *Dois parlamentos*, junto com o inédito *Serial*, a Editora do Autor publica *Terceira feira*.

1964 – É nomeado um dos representantes da delegação brasileira nas Nações Unidas, em Genebra.

1966 – Com música de Chico Buarque de Holanda, o Teatro da Universidade Católica de São Paulo (Tuca) monta *Morte e vida severina*, com estrondoso sucesso. A peça é encenada em diversas cidades brasileiras e, depois, em Portugal e na França. Publica *A educação pela pedra*, que recebe vários prêmios, entre eles o Jabuti. O Itamaraty o transfere para Berna.

1968 – A Editora Sábá publica a primeira edição de suas *Poesias completas*. É eleito, na vaga deixada por Assis Chateaubriand, para ocupar a cadeira 37 da Academia Brasileira de Letras. Retorna para Barcelona.

1969 – Com recepção de José Américo de Almeida, toma posse na Academia Brasileira de Letras. É transferido para Assunção, no Paraguai.

1972 – É nomeado embaixador no Senegal, África.

1975 – A Associação Paulista de Críticos de Arte lhe concede o Grande Prêmio de Crítica. Publica *Museu de tudo*.

1980 – Publica *A escola das facas*.

1981 – É transferido para a embaixada de Honduras.

1984 – Publica *Auto do frade*.

1985 – Publica *Agrestes*.

1986 – Assume o Consulado-Geral no Porto, Portugal.

1987 – No mesmo ano, recebe o prêmio da União Brasileira de Escritores e publica *Crime na calle Relator*. Retorna ao Brasil.

1988 – Publica *Museu de tudo e depois*.

1990 – Aposenta-se do Itamaraty. Publica *Sevilha andando* e recebe, em Lisboa, o Prêmio Luís de Camões.

1992 – Em Sevilha, na Exposição do IV Centenário da Descoberta da América é distribuída a antologia *Poemas sevilhanos*, especialmente preparada para a ocasião. A Universidade de Oklahoma lhe concede o Neustadt International Prize.

1994 – São publicadas, em um único volume, suas *Obras completas*. Recebe na Espanha o Prêmio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana, pelo conjunto da obra.

1996 – O Instituto Moreira Salles inaugura os *Cadernos de literatura brasileira* com um número sobre o poeta.

1999 – João Cabral de Melo Neto falece no Rio de Janeiro.

(Fontes: Melo Neto, João Cabral. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008; *Cadernos de literatura brasileira*. Instituto Moreira Salles. nº 1, março de 1996; Castello, José. *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma & Diário de tudo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006; Academia Brasileira de Letras; Fundação Joaquim Nabuco.)

## Bibliografia do autor

### POESIA

#### Livros avulsos

*Pedra do sono*. Recife: edição do autor, 1942. [sem numeração de páginas.] Tiragem de 300 exemplares, mais 40 em papel especial.

*Os três mal-amados*. Rio de Janeiro: Revista do Brasil, nº 56, dezembro de 1943. p. 64-71.

*O engenheiro*. Rio de Janeiro: Amigos da Poesia, 1945. 55 p.

*Psicologia da composição* com *A fábula de Anfion e Antíode*. Barcelona: O Livro Inconsútil, 1947. 55 p. Tiragem restrita, não especificada, mais 15 em papel especial.

*O cão sem plumas*. Barcelona: O Livro Inconsútil, 1950. 41 p. Tiragem restrita, não especificada.

*O rio* ou *Relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife*. São Paulo: Edição da Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954. [s.n.p.]

*Quaderna*. Lisboa: Guimaraes Editores, 1960. 113 p.

*Dois parlamentos*. Madri: edição do autor, 1961. [s.n.p.] Tiragem de 200 exemplares.

*A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966. 111 p.

*Museu de tudo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. 96 p.

*A escola das facas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. 94 p.

*Auto do frade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984. 87 p.

*Agrestes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 160 p. Além da convencional, houve tiragem de 500 exemplares em papel especial.

*Crime na calle Relator*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. 82 p.

*Sevilha andando*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. 84 p.

*Primeiros poemas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1990. 46 p. Tiragem de 500 exemplares.

#### Obras reunidas

*Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1954. 126 p.

*Duas águas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. 270 p. Inclui em primeira edição *Morte e vida severina*, *Paisagens com figuras* e *Uma faca só lâmina*. Além da convencional, houve tiragem de 20 exemplares em papel especial.

*Terceira feira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1961. 214 p. Inclui em primeira edição *Serial*.

*Poesias completas*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. 385 p.

*Poesia completa*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1986. 452 p.

*Museu de tudo e depois* (1967-1987). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 339 p.

*Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Inclui em primeira edição

*Andando Sevilha*. 836 p.

*Serial e antes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 325 p.

*A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 385 p.

*O cão sem plumas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, 204 p. Inclui *Pedra do sono*, *Os três mal-amados*, *O engenheiro*, *Psicologia da composição* e *O cão sem plumas*.

*Morte e vida severina*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, 176 p. Inclui *O rio*, *Morte e vida severina*, *Paisagens com figuras* e *Uma faca só lâmina*.

*A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, 298 p. Inclui *Quaderna*, *Dois parlamentos*, *Serial* e *A educação pela pedra*.

*Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 820 p.

## **Antologias**

*Poemas escolhidos*. Lisboa: Portugália Editora, 1963. 273 p. Seleção de Alexandre O'Neil.

*Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965. 190 p.

*Morte e vida severina e outros poemas em voz alta*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966. 153 p.

*Literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1982. 112 p. Seleção de José Fulaneti de Nadai.

*Poesia crítica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. 125 p.

*Melhores poemas*. São Paulo: Global, 1985. 231 p. Seleção de Antonio Carlos Secchin.

*Poemas pernambucanos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Centro Cultural José Mariano, 1988. 217 p.

*Poemas sevilhanos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. 219 p.

*Entre o sertão e Sevilha*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. 109 p. Seleção de Maura Sardinha.

*O artista inconfessável*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, 200 p.

## **PROSA**

*Considerações sobre o poeta dormindo*. Recife: Renovação, 1941. [s.n.p.]

*Joan Miró*. Barcelona: Editions de l'Oc, 1950. 51 p. Tiragem de 130 exemplares. Com gravuras originais de Joan Miró.

*Aniki Bobó*. Recife: s/editor, 1958. Ilustrações de Aloisio Magalhães. [s.n.p.] Tiragem de 30 exemplares.

*O Arquivo das Índias e o Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1966. 779 p. Pesquisa histórica.

*Guararapes*. Recife: Secretaria de Cultura e Esportes, 1981. 11 p.

*Poesia e composição*. Conferência realizada na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, de São Paulo, em 1952. Coimbra: Fenda Edições, 1982. 18 p. Tiragem de 500 exemplares.

*Idéias fixas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FBN; Mogi das Cruzes, SP: UMC,

1998. 151 p. Org. Félix de Athayde.

*Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. 139 p.

*Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Casa de Rui Barbosa, 2001. 319 p. Org. Flora Süssekind.

## **Bibliografia selecionada sobre o autor**

ATHAYDE, Félix de. *A viagem (ou Itinerário intelectual que fez João Cabral de Melo Neto do racionalismo ao materialismo dialético)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2000. 111 p.

BARBIERI, Ivo. *Geometria da composição*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997. 143 p. BARBOSA, João Alexandre. *A imitação da forma: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Duas Cidades, 1975. 229 p.

\_\_\_\_\_. *João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: PubliFolha, 2001. 112 p.

BRASIL, Assis. *Manuel e João*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 270 p.

CAMPOS, Maria do Carmo, org. *João Cabral em perspectiva*. Porto Alegre: Editora da UFRG, 1995. 198 p.

CARONE, Modesto. *A poética do silêncio*. São Paulo: Perspectiva, 1979. 128 p.

CASTELLO, José. *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma & Diário de tudo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 269 p.

COUTINHO, Edilberto. *Cabral no Recife e na memória*. Recife: Suplemento Cultural do Diário Oficial, 1997. 33 p.

CRESPO, Angel, e GOMEZ Bedate, Pilar. *Realidad y forma en la poesía de Cabral de Melo*. Madri: Revista de Cultura Brasileira, 1964. 69 p.

ESCOREL, Lauro. *A pedra e o rio*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001, 141 p.

GONÇALVES, Aguinaldo. *Transição e permanência. Miró/João Cabral: da tela ao texto*. São Paulo: Iluminuras, 1989. 183 p.

LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira – Mário, Drummond, Cabral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. 335 p.

LOBO, Danilo. *O poema e o quadro: o picturalismo na obra de João Cabral de Melo Neto*. Brasília: Thesaurus, 1981. 157 p.

LUCAS, Fábio. *O poeta e a mídia*. Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. São Paulo: SENAC, 2003. 143 p.

MAMEDE, Zila. *Civil geometria*. Bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Livraria Nobel/EDUSP, 1987. 524 p.

MARTELO, Rosa Maria. *Estrutura e transposição*. Porto: Fundação Eng. Antônio de Almeida, 1989. 138 p.

NUNES, Benedito. *João Cabral: a máquina do poema*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. 173 p.

\_\_\_\_\_. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis: Vozes, 1971. 217 p.

PEIXOTO, Marta. *Poesia com coisas: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Perspectiva, 1983. 215 p.

PEIXOTO, Niobe Abreu. *João Cabral e o poema dramático: Auto do frade, poema para vozes*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2001. 150 p.

SAMPAIO, Maria Lúcia Pinheiro. *Processos retóricos na obra de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: HUCITEC, 1980. 168 p.

SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos*. 2ª ed., rev. e ampliada. Rio de Janeiro/São Paulo: Topbooks/Universidade de Mogi das Cruzes, 1999. 333 p.

SENNÁ, Marta de. *João Cabral: tempo e memória*. Rio de Janeiro: Antares, 1980.

209 p.

SOARES, Angélica Maria Santos. *O poema: construção às avessas: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 86 p.

SOUZA, Helton Gonçalves de. *A poesia crítica de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Annablume, 1999. 220 p.

\_\_\_\_\_. *Dialogramas concretos*. Uma leitura comparativa das poéticas de João Cabral de Melo Neto e Augusto de Campos. São Paulo: Annablume, 2004. 276 p.

VÁRIOS. *The Rigors of Necessity*. Oklahoma: World Literature Today, The University of Oklahoma, 1992. p. 559-678.

VÁRIOS. *Dossiê João Cabral*. Revista Range Rede, nº 0. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos Literários Palavra Palavra, 1995. 80 p.

VÁRIOS. *João Cabral de Melo Neto*. Cadernos de Literatura nº 1. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1996. 131 p.

VÁRIOS. *Paisagem tipográfica*. Homenagem a João Cabral de Melo Neto. Lisboa: Colóquio/Letras 157/158, julho-dezembro de 2000. 462 p.

VERNIERI, Susana. *O Capibaribe de João Cabral em O cão sem plumas e O rio: Duas águas?*. São Paulo: Annablume, 1999. 195 p.

TAVARES, Maria Andresen de Sousa. *Poesia e pensamento*. Wallace Stevens, Francis Ponge, João Cabral de Melo Neto. Lisboa: Caminho, 2001. 383 p.

TENÓRIO, Waldecy. *A bailadora andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996. 178 p.



Copyright © by herdeiros de João Cabral de Melo Neto

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Capa

Mariana Newlands

Fotos de capa

© Sebastien Pesarmaux / Godong / Corbis / LatinStock

© Stephanie Maze / Corbis / LatinStock

Estabelecimento do texto e bibliografia

Antonio Carlos Secchin

Revisão

Fátima Fadel

Sônia Peçanha

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

M486m

Melo Neto, João Cabral de

Morte e vida severina [recurso eletrônico] : e outros poemas / João Cabral de Melo Neto. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2010.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema:

Modo de acesso:

54p. ISBN 978-85-390-0119-4 (recurso eletrônico)

1. Poesia brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

10-3810.

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1